



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JOSÉ DANIEL DOS SANTOS SILVA

FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE HISTÓRIA E ESTÁGIO
SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: EXPERIÊNCIAS DE UM DISCENTE À
FORMAÇÃO DE UM DOCENTE

MACEIÓ – AL

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JOSÉ DANIEL DOS SANTOS SILVA

FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE HISTÓRIA E ESTÁGIO
SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: EXPERIÊNCIAS DE UM DISCENTE À
FORMAÇÃO DE UM DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Curso de História – Licenciatura
da Universidade Federal de Alagoas, como
requisito parcial para a obtenção do Grau de
Licenciado em História, sob a orientação da
Profª. Orientadora: Drª. Célia Nonata da Silva

MACEIÓ – AL

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586f Silva, José Daniel dos Santos.
Formação inicial do professor de história e estágio supervisionado obrigatório :
experiências de um discente à formação de um docente / José Daniel dos Santos
Silva. – 2023.
55 f. : il.

Orientadora: Célia Nonata da Silva.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : licenciatura) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 50-51.
Anexos: f. 52-55.

1. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Brasil). 2. Programa
Residência Pedagógica (Brasil). 3. Estágio supervisionado. 4. História - Estudo e
ensino. 5. Pandemias. 6. Docência. 7. Discência. I. Título.

CDU: 372.894

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pai ao seu Filho Jesus, sem eles não estaríamos aqui.

Em segundo lugar agradeço aos meus pais, dona Ana e José Wilson por sempre acreditarem em mim e por todo esforço gasto.

Ao meu caro colega Iwerton Pereira do Nascimento por nunca ter me deixado desistir.

Aos meus queridos professores que deixaram o curso de História Licenciatura mais suportável, Prof.^a Dr.^a Célia Nonata, que me orienta neste trabalho, ao Prof. Dr. Robertinho que mais contribuiu para a minha vida e as escolhas a seguir, ao Prof. Dr. Flores com suas maravilhosas histórias, a Prof.^a Dr.^a Dolores por nos ensinar a nunca desistir em meios as dificuldades, aos professores Danilo, Paulo Vitor e Anabucki por suas formas de ensino peculiares e cativantes.

À professora Joana D'Arc de Azevedo Sales, professora do ensino fundamental, atuante na escola Jaime Miranda pelas experiências passadas, e aquelas na qual criamos juntos durante o PIBID.

Aos demais colegas e professores que contribuíram nessa grande jornada.

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de compartilhar às experiências teóricas e práticas deste discente (José Daniel dos Santos Silva), inscrito no Curso de História Licenciatura (2018-2022), tendo passado pelos programas de iniciação à docência, PIBID – Programa de Bolsa de Iniciação à Docência, PRP – Programa Residência Pedagógica e os quatro Estágios Supervisionados Obrigatórios. Utilizando para tal trabalho documentos, relatórios, pequenas pesquisas, vivências em diferentes escolas durante os programas e estágios e em certo momento experiências vividas no período da Pandemia (Covid-19).

As bases teóricas deste trabalho são frutos de trabalhos de autores como: *Cainelli e Schmidt; Lindamir Zeglin Fernandes; Kátia Maria Abud (2011)*; e outros. Autores que contribuíram para esta formação inicial e nos ajudaram a compreender o que é “estar” ou “ser” professor em meios tão remotos que ameaçam o ensino de História no país e a realidade educacional atual.

PALAVRAS CHAVES: Estágios Supervisionados, PIBID, PRP, Ensino de História, Pandemia, Docência, Discência.

ABSTRACT

The present work aims to share the theoretical and practical experiences of this student (José Daniel dos Santos Silva), enrolled in the History Degree Course (2018-2022), having gone through the teaching initiation programs, PIBID - Scholarship Program Introduction to Teaching, PRP – Pedagogical Residency Program and the four Mandatory Supervised Internships. Using for this work documents, report, small research, experiences in different schools during the programs and stay and at a certain moment experience lived in the period of the Pandemic (Covid-19).

The theoretical bases of this work are the result of works by authors such as: Cainelli and Schmidt; Lindamir Zeglin Fernandes; Kátia Maria Abud (2011); and others. Authors who tolerated this initial training and helped us to understand what it means to “be” or “be” a teacher in such remote environments that threaten the teaching of History in the country and the current educational reality.

KEYWORDS: Supervised Internships, PIBID, PRP, History Teaching, Pandemic, Teaching, Teaching.

LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 1: Tabela de pesquisa escolar na Pandemia (Covid-19). Fonte: PRP	16 e 17
FIGURA 2: Gráfico de pesquisa escolar durante Pandemia (Covid-19).	17
FIGURA 3: Cruzadinha: “Por que estudar História” de autoria própria.	27

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS E SUAS EXPERIÊNCIAS.....	12
2.1	PRP OU ESTÁGIO SUPERVISIONADO I E SUAS EXPERIÊNCIAS:.....	12
2.1.1	GRÁFICOS E TABELAS PRODUZIDOS NO PRP:.....	16
2.1.2	REGÊNCIAS NO PRP.....	18
2.2	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II:.....	20
2.3	ESTÁGIO SUPERVISIONADO III:.....	22
2.3.1	AULA LABORATÓRIO EXPERIMENTAL EM AMBIENTE REMOTO.....	25
2.3.2	OBSERVAÇÕES FEITAS EM AMBIENTE ESCOLAR.....	28
2.4	ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV:.....	31
2.4.1	OBSERVAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR:.....	32
2.4.2	REGÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV:.....	36
3	AS DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS DO CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES:.....	41
4	AS PRÁTICAS DE REGÊNCIAS NO PIBID, PRP E ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA PLANEJADA.....	45
	CONCLUSÃO.....	49
	REFERÊNCIAS.....	51
	ANEXOS:.....	53

1 INTRODUÇÃO

Discorreremos ao longo desse memorial as experiências obtidas ou geradas pelo futuro docente José Daniel dos Santos Silva, discente do curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, localizada em Maceió no Campus A. C. Simões.

Ao longo do discurso veremos as experiências obtidas ao longo dos 4 estágios e contribuições de outras disciplinas pedagógicas, a defesa do estágio supervisionado como principal campo de formação inicial do curso, acrescentando ainda as experiências obtidas em projetos e programas como PIBID e PRP, e entre outras atividades ou experiências vividas durante a pandemia de Covid-19 por quem os relata.

Algumas regências feitas ao longo do PIBID, PRP e os Estágios também serão comentadas. Nos anexos serão deixados planos de aulas, atividades, projetos feitos, sem deixar de citar tabelas com pesquisas feitas no PRP sobre o acesso ao ambiente remoto por parte dos alunos de uma escola frequentada durante o PRP.

Não podemos deixar de citar ao longo do memorial todo arcabouço teórico apreendido ao longo dessa jornada do curso e de algumas disciplinas como Estágio Supervisionado e outras pedagógicas.

Então autores como *Crislane Barbosa de Azevedo em seu texto: “Ensino e pesquisa na formação docente inicial” (2017)*, texto que nos fala do Estágio Supervisionado como campo de pesquisa. Pois o professor é também um pesquisador e historiador e deve conduzir a sua aula como uma aula histórica, envolvidas por métodos inerentes a disciplina e a pesquisa pois sobre as contribuições de *Cainelli e Schmidt* com: *“As fontes históricas e o ensino de história”* e *Lindamir Zeglin Fernandes* em: *“A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa”*, saberemos que o ensino e a aula de história é mais do que uma simples aula oficina, ele deve promover a investigação por meios das fontes que o professor usará em suas aulas.

Contribuições de *Paulo Freire* e de seu *“Método Freire”*, além de que será citado o termo *“Educação Bancária”* e a sua superação com um ensino ligado a realidade situacional de cada um para que se possa ser gerado o aprendizado consciente na

contribuição de *Kátia Maria Abud*: “*Ensino de História* (2011), somado ao texto de *Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca e Martins* com o texto: “*Jörn Rüsen e o ensino de História*” (2010), onde veremos que é mais significativo estimular uma consciência histórica nos alunos, onde que por meio dela o estudante consiga buscar no passado respostas para o presente e compreender a importância de se estudar história.

Além das contribuições de *Cainelli e Schmidt* com o seu texto: “*Ensinar História*” (2004), *Circe Maria Fernandes Bittencourt*: *Ensino de história: fundamentos e métodos* (2008) e *Antoni Zabala*: “*A prática educativa: como ensinar*” (1998). Textos que nos ajudaram a entender o ensino de história como campo de pesquisa e os melhores caminhos para que esse professor iniciante, que não terá uma receita pronta como nos revela *Flávia Eloisa Caimi* em: “*O que precisa saber um professor de história?*” (2015). Aliás, também veremos como autores como *Dea Fenelon* “*A formação do profissional de história e a realidade do ensino*” (2008), e *Oswaldo Mariotto Cerezer e Selva Guimarães Fonseca* com o texto: “*Professores de história iniciantes: entre saberes e práticas*” (2015), que nos mostraram a realidade do ensino e como professores iniciantes e experientes se comportam com a realidade de seu ambiente de trabalho, e entre outros autores que serão citados ao longo do memorial.

Será mostrada também uma possível avaliação do processo de formação do futuro docente que vos relata, quanto as dificuldades encontradas ao longo do curso e possíveis sequelas geradas pela pandemia e isolamento social causada pela Covid-19, na tentativa de evidenciar se o discente que vos relata se encontra apto a seguir sua profissão, lembrando que este não levará uma receita pronta, mas saberá que lhe foi apontado vários caminhos ao longo de sua formação.

Terminaremos com possíveis soluções quanto as questões ligadas a formação inicial de professores, questões também ligadas a profissão de ser ou estar professor, somado as dificuldades que os professores de humanas enfrentam e a questão do ensino em si, na tentativa de evidenciar na defesa da educação a principal solução aos problemas inerentes a sociedade brasileira.

2 OS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS E SUAS EXPERIÊNCIAS

2.1 PRP OU ESTÁGIO SUPERVISIONADO I E SUAS EXPERIÊNCIAS:

O Estágio Supervisionado I, é uma disciplina dos cursos de Licenciatura que geralmente ocorrem no 5º período, no caso da UFAL. Os Estágios ainda são as únicas disciplinas obrigatórias de prática docente, em todos os sentidos. Nessa disciplina, temos o espaço aberto para nos inserirmos no que virá a ser nossa carreira profissional docente, ou seja, como futuros professores.

As disciplinas Estágios, são divididas em quatro partes ao longo do curso e possuem uma quantidade mínima de 400 horas ao todo. O que por fim, acaba sendo pouco para a formação inicial docente. A inserção dos alunos de formação inicial docente, precisa melhorar de forma significativa. É por isso que projetos como o Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Residência Pedagógica (PRP), deveriam ser obrigatórios ou mais acessíveis aos futuros docentes. Eles geralmente são disponibilizados como formas de bolsas ofertadas pela CAPES.

Se o PIBID é o programa que já desde o primeiro período insere os futuros professores ao seu ambiente de trabalho, o PRP se dá no a partir do quinto período. Pois a carga horária do PRP pode substituir a dos Estágios, diferentemente da carga horária do PIBID, que somente pode ser usada 100 horas para a carga horária flexível. Pensando dessa forma, fui inserido no PRP, no primeiro módulo, após passar por uma seleção.

O PRP é um programa ofertado pela plataforma CAPES. Ele insere futuros docentes no seu ambiente de trabalho, ou seja, em escolas públicas parceiras da UFAL. O programa é dividido em 3 módulos de 6 meses cada, podendo o discente pagar todos ou não, trata-se de uma bolsa remunerada de R\$ 400,00. Esses R\$ 400,00 ajuda, mas ainda assim é insuficiente.

O PRP destaca a importância que deveria ser realçada de forma mais intensa nos Estágios que é um campo de pesquisa, onde os futuros professores podem não só tomar por si a vivência em sala de aula, mas pesquisar, contribuir para a educação, pois segundo *Crislane Barbosa de Azevedo* em seu texto: “*Ensino e pesquisa na formação docente inicial*” (2017), a disciplina Estágio Supervisionado tem que ser o campo de pesquisa do professor, nesse caso o professor de história licenciado, que não se julga um historiador, deixando a cargo dos bacharéis.

Por isso, revelo ser de extrema importância ser relatado o que vivenciei no primeiro módulo do PRP, pois foi onde fui capaz de vivenciar a realidade situacional dos alunos em meio a Pandemia Covid-19.

O projeto se iniciou no dia 16 de novembro de 2020. Devido o período de pandemia (2020) causado pela doença Covid-19 e isolamento social, causado pela mesma, nossas reuniões, regências, observações e etc., ocorreram de forma remota ou online via Google Meet e WhatsApp. Nos apresentamos e fomos apresentados ao projeto, como a docente coordenadora Lídia Baumgarten e demais professores preceptores. Nesse primeiro momento, não conhecemos a escola, ou quais colegas residentes ficariam em cada escola com seu professor preceptor.

A partir do dia 16 de novembro de 2020 até o dia 21 de janeiro de 2021, tivemos encontros semanais, com pelo menos um encontro (via Google Meet), com duração de 4 horas, acontecendo das 14h até as 18h. Nesses encontros, debatíamos textos que enriqueciam nossa base ou bagagem teórica, não tinha aula nas escolas, elas vieram começar de fato em março de 2021.

Os textos eram voltados para nossa área de ensino (história licenciatura). Sem dúvidas, sem o arcabouço teórico apreendido ainda estaríamos vinculados ao tipo de ensino tradicional, pautados pela ideia de “*Educação Bancária*”, termo de *Paulo Freire*, para se resumir aquele tipo de ensino onde o aluno não tem nada a acrescentar e o professor apenas “joga” conteúdos em suas cabeças, fazendo da história a disciplina chata e decorativa.

Era preciso acabar com essa ideologia, e graças a contribuição de *Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca e Martins* com o texto: “*Jörn Rüsen e o ensino de História*” (2010), nós não seríamos capazes de pensarmos que sem uma “Consciência Histórica”, ou seja, uma história que faça sentido aos alunos e a crítica a realidade do presente por meio uma leitura ou busca de respostas ao passado. Ensinar História não faria sentido, a ideia não era fazer com todos os alunos fossem historiadores, mas que eles pelo menos soubessem buscar respostas no passado para as questões do presente e criticar sua realidade através disso.

Mas, isso não se dá de maneira fácil, ensinar história, assim como qualquer outra disciplina é uma tarefa árdua, você tem que amar o que faz. E não há uma receita pronta, ou escolas, salas, turmas iguais, lidamos com variáveis. *Cainelli e Schmidt* com o seu

texto: “*Ensinar História*” (2004) somando com *Kátia Maria Abud: “Ensino de História (2011)*, *Circe Maria Fernandes Bittencourt: Ensino de história: fundamentos e métodos (2008)* e *Antoni Zabala: “A prática educativa: como ensinar” (1998)* nos revelam isso, pois ensinar história requer além de conhecimento do conteúdo, devemos saber também como ensinar e para que ensinar.

Esses são os fundamentos importantes para a prática docente e um ensino baseado no aprendizado consciente. No mais, o professor vai se adequando a sua turma, e reelaborando e ressignificando seus métodos e linguagens de ensino, que por final há muitas como usos de trechos de filmes, músicas, imagens, gamificação e etc. Todas as reuniões feitas debatíamos esses caminhos tão necessários a prática docente, para só depois adentrarmos nas regências

Depois das reuniões passamos por um período de recesso (20 de dezembro de 2020 a 21 de janeiro de 2021), o mesmo elencado pela UFAL, durante essa fase.

No dia 21 de janeiro de 2021, tivemos um encontro com os diretores e coordenadores das escolas que faríamos observação e regência. O objetivo era entender como funcionaria a escola ou as aulas (para observação e regência), como seu calendário, meio de acesso aos estudantes e diferentes caminhos a serem seguidos, para se ter nesse período de forma remota. No dia 10 de fevereiro do mesmo ano, tivemos uma reunião onde foram apresentadas as escolas por fotos e pelo seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Avaliamos a sua das escolas, onde fizemos uma avaliação diagnóstica que nos orientou depois que começou o período letivo.

No recorte temporal entre o dia 10 de fevereiro e 17 de março de 2021, já sabíamos em quais escolas ficaríamos, com o grupo já formado pelos residentes e professor preceptor. Eram 3 escolas da rede de ensino público da cidade de Maceió Alagoas. O residente deste relato, acabou por escolher a Escola Estadual Professora Maria Lúcia Lins de Freitas, que era uma professora (já falecida), que contribuiu muito para o processo de educação do Estado de Alagoas.

No ano de 2005 o prédio (onde atualmente se encontra o espaço escolar), funcionava como um espaço anexo à Escola Estadual Geraldo Melo. Mas, foi somente em fevereiro de 2006, que o Governo do Estado criou nesse prédio a escola Estadual Professora Maria Lúcia Lins de Freitas, para homenagear uma falecida e importante professora de mesmo nome. a escola se encontra no Conjunto Graciliano Ramos s/n –

Cidade Universitária – Maceió/Alagoas, o Governo do Estado é o mantedor, mas a escola é ajudada pela Associação dos Moradores do Conjunto do Graciliano Ramos.

Nosso professor preceptor foi o professor Paulo Vitor Barbosa, e a nossa equipe contou com 10 residentes bolsistas e 2 residentes colaboradores. No dia 22 de março tivemos uma reunião só com o pessoal do nosso grupo e o professor preceptor. Nesse dia definimos que 3 duplas e um trio de residentes seriam responsáveis por 4 aulas (uma por dupla ou trio). A partir dessa divisão, produzimos um Projeto de Docência para facilitar o sequenciamento didático e otimizar o tempo que era muito curto. Por meio deste Projeto de Docência trabalhamos a delimitação cronológica da transição entre o Império e a República no Brasil (contemplando de modo geral os conceitos substantivos do Golpe da República, a República das Espadas e a República Oligárquica/República do Café-com-Leite).

Trabalhamos com 4 turmas de 9º com um total de 144 alunos, porém nem todos tinham acesso à internet e boa parte estudavam a partir de atividades impressas. Então nas aulas online, em torno de 60 a 65 alunos participavam

Antes de praticarmos a regência, tivemos ainda que passar por um período de observação das aulas pelo professor preceptor, esse momento não foi muito longo, só durou duas aulas de uma hora cada e uma a cada semana. Esse primeiro módulo foi muito corrido. A primeira aula de observação foi no dia 25 de março de 2021, na verdade já tinha havido uma aula de apresentação da turma na semana anterior, onde o professor Paulo Vitor havia trazido uma avaliação diagnóstica para os estudantes, procurando entender as dificuldades que pudessem surgir.

Então nessa aula do dia 25, o professor preceptor apresentou a avaliação diagnóstica que eles haviam feito. Essa avaliação diagnóstica tinha o intuito de avaliar ou descobrir a situação de acesso e acompanhamento a esse ensino que ocorreria de forma remota. Por essa avaliação feita a alunos dos 7º aos 9º anos, descobrimos a realidade situacional causada por essa pandemia. São estudantes de 11 a 15 anos de idade, não é possível relacionar o nome com as respostas, por causa do sistema do Google Formulário (onde foi feita a avaliação diagnóstica). Dessa forma, o nome deles não serão divulgados. Serão mostradas algumas perguntas e respostas dos 227 estudantes que responderam:

2.1.1 GRÁFICOS E TABELAS PRODUZIDOS NO PRP:

Tabela de pesquisa escolar na Pandemia (Covid-19). Fonte: PRP

Pergunta 1:	“Como você está se sentindo em relação a todas essas transformações que ocorreram por causa da pandemia da Covid-19?”
--------------------	---

Respostas:

Estudante 1	“Normal”
Estudante 2	“Ruim”
Estudante 3	“Muito ruim”
Estudante 4	“Preso”
Estudante 5	“Estou com um pouco de medo mais estou confiante que isso vai passar logo”
Estudante 6	“Estou Me Sentindo Venerável”
Estudante 7	“Complicado dms não pode sair pra nem um canto trabalho está difícil”

Pergunta 2:	“Sua vida e da sua família mudaram em virtude dessa pandemia? Explique.”
--------------------	--

Respostas:

Estudante 1	“Não”
Estudante 2	“Sim muito”
Estudante 3	”Sim, mudou a rotina de não poder sair muito igual antes, não brincar na rua como antes, as aulas ser online, fora outras coisas”
Estudante 4	“Sim. Porque minha mãe trabalhava e pôr causa da pandemia ela não tá trabalhando mais”
Estudante 5	“Sim não sei como explicar”
Estudante 6	“Sim,não mudou muita coisa mais ficamos com mais tempo pra conversas é debater assuntos.”

Pergunta 3:	“Quais suas expectativas para esse ano de 2021?”
--------------------	--

Respostas:

Estudante 1	“Não sei”
Estudante 2	“Que esse virus acabe”
Estudante 3	“De que esse vírus passe, que seja um ano de prosperidade, que as aulas volte a ser presenciais e que tudo volte a ser como era antes.”
Estudante 4	“Volta a estudar presencial”
Estudante 5	“Q a pandemia va embora e q.a escola volte”
Estudante 6	“Quero trabalha.”
Estudante 7	“Tudo vai piorar, eu acho”

Pergunta 4:	“Quais foram suas dificuldades no ensino remoto (online)?”
--------------------	--

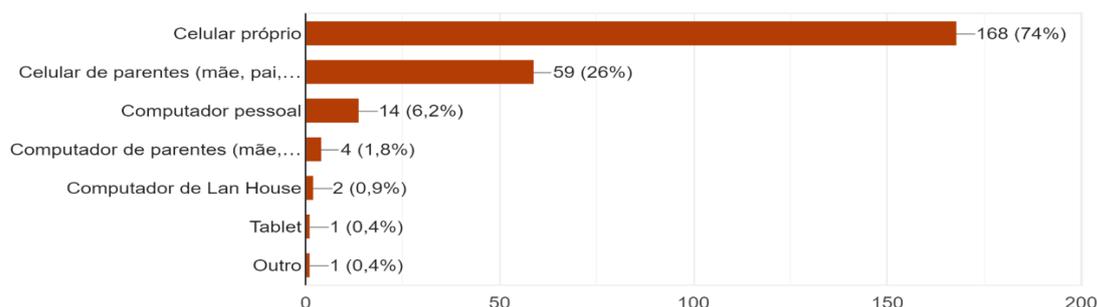
Respostas:	
Estudante 1:	“Nenhuma.”
Estudante 2:	“Entender isso, porque foi uma coisa nova.”
Estudante 3:	“meu celular travava muito não dava pra fazer as tarefas”
Estudante 4:	“Poucas por que eu não conseguia entrar na aula muito”
Estudante 5:	“Não tive muitas dificuldades”
Estudante 6:	“É muito ruim estuda online”
Estudante 7:	“O acesso a internet.”
Estudante 8:	“De Não conseguir aprender muita coisa”
Estudante 9:	“Concentração.”

*Pesquisa realizada entre fevereiro e março de 2021 com alunos de 7º e 9º anos da Escola Estadual Professora Maria Lúcia Lins de Freitas (Conjunto Graciliano Ramos – Cidade Universitária – Maceió – Alagoas), em relação à realidade situacional de tais alunos em meio à Pandemia de Covid-19 (2020-2021). Programa Residência Pedagógica (novembro de 2020 a abril de 2021).

Gráfico de pesquisa escolar durante Pandemia (Covid-19). Fonte: PRP

10) Por quais aparelhos você assiste a aula remota?

227 respostas



*O gráfico acima mostra a relação da questão 5. Lembrando que 227 alunos responderam. Gráfico feito entre fevereiro e março de 2021 com alunos de 7º e 9º anos da Escola Estadual Professora Maria Lúcia Lins de Freitas (Conjunto Graciliano Ramos – Cidade Universitária – Maceió – Alagoas), em relação à realidade situacional de tais alunos em meio à Pandemia de Covid-19 (2020-2021). Programa Residência Pedagógica (novembro de 2020 a abril de 2021).

O gráfico apresentado nos revela as dificuldades enfrentadas por alguns estudantes, no que diz ao acesso a aula online. Muitos utilizam o celular do pai ou da mãe e só possuem o acesso a eles, com um tempo limitado.

Também nessa aula que observamos, pudemos perceber o engajamento dos estudantes, muitos não gostavam de falar, mas usavam o chat ao seu favor, sempre perguntando quando necessário. Obviamente, muitos se dispersavam no chat com

assuntos que de certa forma não contribuíam para a aula, e as câmeras deles sempre estavam desligadas. A dúvida de que eles realmente estavam lá, prestando atenção era frequente, mas os chats sempre estavam “trabalhando”.

2.1.2 REGÊNCIAS NO PRP

Depois desse curto período de observação, entramos com as regências, era a nossa vez de colocar em prática todo arcabouço teórico e as observações que vimos.

A aula que ministrei teve que ser em conjunto com mais dois colegas Iwerton Pereira do Nascimento, Marcos Messias Gomes da Silva, pois não haveria muito tempo para as regências, o módulo estava acabando, e o contato que tivemos com a escola foi no final do módulo. Isso não era preocupante para quem ficaria nos próximos módulos, já que teriam mais tempo para terem suas próprias regências individuais. Nosso conceito substantivo ou conteúdo foi “As revoltas populares da República Velha”, onde trabalhamos com algumas revoltas desse período, contextualizamos também a cidade de Maceió com a revolta “Quebra-Quilos”. Trabalhamos com empatia histórica ao relacionarmos a Revolta da Vacina com a pandemia atual. Com o caráter de libertação ou relacionada ao banditismo ou heroísmo dos cangaceiros e etc.

A experiência foi um muito diferente das aulas presenciais. Porque nessas, o olho a olho era notório, dava para sentir as dificuldades e possíveis aprendizagens dos alunos, como também saber se estavam interessados nas aulas. Nas aulas remotas, a impressão de se estar falando sozinho para uma tela de computador era um ponto esmagador de perspectiva.

Os alunos não abriam as câmeras ou o microfone, salvo em alguns casos de dúvidas. E a cada vez que perguntávamos se eles entenderam, se tinham dúvidas, aquela noção de silêncio muitas das vezes se fazia presente. Mas, as questões sempre viam nos chats, o que nos confortavam bastante.

Muitas das vezes, aquele simples “sim” de resposta à pergunta de que se havia dúvidas, nos gerava um certo pavor. Sobretudo, porque esse mesmo sim poderia significar uma resposta de conforto para mudar de assunto. Era difícil ter uma avaliação própria da

sua aula só por pelo chat ou pelos poucos alunos que se arriscavam a ligar a câmera e o microfone.

O nervosismo não nos abandonara de completo, as vezes nos esquecíamos que estávamos online com vários estudantes nos vendo, e quando voltávamos a perceber isso, ficávamos um pouco confusos. Mas, não era tão grande desafio. Pois utilizamos uma linguagem coerente aos estudantes e trouxemos ferramentas ou mídias que eles utilizam ou produzem no dia-a-dia como os memes. Eles gostaram da ideia de trabalhar a aula com memes, era um meio consciente, criativo e divertido de aprender. Sobretudo, as revoltas que utilizaram contextos, datas e etc.

A última aula do primeiro módulo ocorreu no dia 06 de abril de 2021, nela fizemos uma revisão de todos os assuntos, e recebemos uma avaliação da turma das nossas aulas. Depois passamos uma avaliação com todas os conteúdos abordados. Os estudantes passaram boa parte das aulas fazendo anotações e sempre dávamos resumos. Não eram muitas questões. Essa avaliação é um requisito da escola, como toda avaliação bimestral final. A partir dela, avaliaremos possíveis aprendizados dos alunos e faremos uma auto avaliação de nós mesmos. Os resultados foram bons, o engajamento da turma quanto ao projeto foi excelente, aprendizados de ambos os lados foram gerados.

Todas essas experiências e possíveis enfrentamento desses desafios não seriam articulados sem a facilidade que nos trouxe esse projeto. O Projeto Residência Pedagógica sem dúvidas, é muito importante para o processo de formação do professor, este que não vem sendo muito valorizado. Principalmente, aos professores de história que são taxados como aqueles que fazem os estudantes decorarem datas e acontecimentos em que eles nem estavam presentes. Esse projeto não pode terminar, ele deve chegar a mais professores de história ou qualquer outra disciplina, pois sua preparação e sua necessidade prática de entender o ensino no dia a dia se faz muito importante. Porque não podemos compreender uma realidade sem adentrarmos em tal ambiente. E é nessa parte que esse projeto contribui para nossa formação docente.

O PRP, cumpriu com sua meta que foi nossa inserção no ambiente escolar e enforque nas regências (os Estágio I e II pautam mais pela observação e preparação de aulas), e na pesquisa escolar, em meio a pandemia conseguimos observar as dificuldades dos alunos e tivemos uma breve percepção de como se comportaram os alunos em meio as dificuldades das aulas online.

Por dificuldades quanto as reuniões, aulas e demais engajamentos feitos de forma remota, não consegui me manter no PRP, ou seja, fazer o segundo módulo e o terceiro. Por estar em casa, senti-me em um ambiente não propício aos engajamentos que queriam o Programa. Então, apenas fiz o primeiro módulo e paguei Estágio 1 com a carga horária do PRP.

2.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II:

O Estágio II se deu no 6º período no segundo semestre de 2021, a pandemia ainda estava no auge, de modo que, tivemos aula de forma remota. A disciplina Estágio Supervisionado II, assim como o Estágio Supervisionado I, pautam mais pela inserção nas escolas como ambiente de observação, no sentido de que as regências não são tão obrigatórias, como nos Estágios seguintes. Essas disciplinas nos promovem a pensar a realidade situacional das escolas, a acompanhar um professor que já atua em sua área de trabalho, e a pensar como desenvolveríamos atividades ou respostas para as futuras aulas que daremos nos Estágios seguintes.

Pensando nisso, nos deparamos com a “aula histórica”. A aula histórica não é somente uma aula de história comum, ou uma simples aula oficina como nos expõe *Lindamir Zeglin Fernandes em: “A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa.”* Ela é uma aula onde nos deparamos com a unidade temática investigativa, onde por meio de fontes históricas das mais diversas e metodologias próprias da disciplina história, já que o ensino de história, nos últimos anos também se configura como campo de pesquisa para se pensar ou apontar os melhores caminhos para se ensinar história. E também para que possamos inserir nossos alunos em um contexto histórico e fazê-los críticos desse contexto com o intuito de buscar respostas no passado para as questões do presente, associada ao papel da consciência histórica.

Isso nos reforça a importância do uso de fontes históricas no ensino de história como nos revela *Cainelli e Schmidt com: “As fontes históricas e o ensino de história”*, se somos historiadores também e estamos licenciados a ensinar, então devemos usar todos os métodos e linguagens disponíveis a construção do saber consciente. Pois, só quando

nos deparamos com a realidade do aluno e do ensino, a História como disciplina e campo de conhecimento se mostra de profunda importância para a vida humana.

Foi nos sugerido pensar uma fonte histórica para ser utilizada em sala de aula. Acabei por utilizar uma fonte audiovisual chamada: “Índios no Brasil”, documentário de 10 capítulos que foi exibido na TVU (Tv Universitária Rio do Grande do Norte), do 13 a 24 de abril de 2015. “Índios no Brasil” é uma iniciativa da TV Escola, da Secretaria de Educação à Distância, do Ministério da Educação, produzida pela ONG Vídeo nas Aldeias.

A série de dez programas para televisão, mostra como vivem e o que pensam os indígenas de nove povos brasileiros: os Ashaninka e Kaxinawá do Acre; os Baniwa do Rio Negro, no Amazonas; os Krahô de Tocantins; os Maxacali de Minas Gerais; os Pankararu de Pernambuco; os Yanomami de Roraima; os Kaiowá do Mato Grosso do Sul; e os Kaingang da região Sul do País.

O objetivo do documentário ou série é mostrar como são vistos os indígenas hoje no Brasil, enfatizando os preconceitos relacionadas aos indígenas como pessoas que pararam no tempo, que não fazem parte do cotidiano urbano, ou seja, aqueles que permaneceram nus no mato com arco e flecha e que talvez nem falem o português.

Para elencar essas questões, várias pessoas são entrevistadas de todo o país (indígenas das unidades apresentadas acima e não-indígenas), que expressam opiniões sobre a relação amistosa ou não entre o indígena e o não-indígena desde a época da chegada dos colonizadores até os dias atuais. Questões como: identidade indígena, suas línguas, seus costumes e tradições, a colonização e o contato com o não-indígena, a disputa pela terra, a integração com a natureza e os direitos conquistados, entre outras, são enfocadas pelos personagens.

Utilizando essa fonte fiz um plano de aula com duas aulas de 50 minutos, a primeira para debater alguns recortes da série e elencar os conhecimentos prévios dos alunos e a segunda para produção da atividade avaliativa, que seria um meme. Esses exercícios de planejar e pensar aulas, mesmo que não sejam utilizadas no momento, se fazem de extrema importância para a formação inicial docente. Essa é a importância dos Estágios Supervisionados, nos preparar para a realidade de nossa área de trabalho e nos chamar a pensar formas de melhorar nossa educação.

Também no Estágio II, relacionado com a disciplina PCCC2, também gerenciada pela Dr^a Lídia Baumgarten, aprendemos sobre o projeto de docência, onde por meio de um conceito substantivo, ou conteúdo, aprendemos mais sobre planos de aulas e conceitos de segunda ordem como consciência histórica, empatia e outros adquiridos por *Rüsen* com seu texto: “*O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral*” (2010).

No projeto de docência pegávamos um conceito substantivo e os dividíamos cronologicamente em conteúdos menores com seus planos de aulas, todos com as suas ligações contextuais e envolvidos nos chamados nos conceitos de segunda ordem. Assim, pensávamos na prática como ensinar e para que ensinar, já que o conteúdo deveria criar ou estimular um aprendizado consciente nos nossos alunos.

As observações começaram em setembro de 2021, acabei por continuar na observação da Escola Estadual Professora Maria Lúcia Lins de Freitas no Conjunto Graciliano Ramos em Maceió, a mesma do primeiro módulo do PRP. Continuei com o mesmo professor do PRP, Paulo Vitor Barbosa.

A escola possui o ensino fundamental e o EJA, tendo aulas de manhã, tarde e noite. A escola tinha um total de 740 à 800 alunos. A escola possuía 10 salas de aula, um campo de futebol e uma pequena sala de leitura. Apesar de ser uma escola estadual, o prédio não era próprio do Estado, e este devia muitos meses de aluguel ao proprietário. Muitas eventos e reformas que aconteciam na escola saíam do bolso dos pais dos alunos que se juntavam em uma associação de moradores.

Como já o conhecia do PRP, já entendia sua maneira de trabalho. As turmas observadas foram as de 8º e 9º anos, havia pelo menos duas de cada turma na sala virtual (8ºs e 9ºs A e B), a escola necessitava de professores de história, por isso um professor só ficava com diferentes turmas. Os encontros duravam cerca de 2h:45m, as aulas começavam a partir das 9h e deveriam terminar às 11h:45m, mas devido a empolgação das turmas, que estavam todas as quatro juntas em uma mesma sala virtual.

2.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III:

A disciplina Estágio Supervisionado III, foi uma disciplina ofertada para discentes matriculados em História Licenciatura da UFAL, no sétimo período, contando com uma carga horária de 50 horas teórica (síncrona) e 50 horas prática (síncrona ou assíncrona).

A disciplina teve como período de execução o tempo compreendido entre 25 de outubro de 2021 à 2 de março de 2022. Período onde ainda estava vigente o distanciamento social causado pela Covid-19, por meio disto, a UFAL e a comunidade acadêmica ainda continuava usando o ambiente remoto, ou seja, as aulas ainda aconteciam em período não presencial, com aulas ministradas em Google Meet.

As aulas aconteciam todas as segundas-feiras das 19:00h às 22:30h. No primeiro momento (dia 25 de outubro de 2021), a disciplina foi apresentada pelo Professor Dr. Antônio Alves Bezerra, abrimos um debate sobre a dificuldade do aprendizado em ambiente remoto, ainda mais o Estágio Supervisionado, disciplina prática por essência. Questões sobre o apertado calendário acadêmico e sobre a possível volta as escolas para estagiar também foram levantadas. Assim por meio de debates fomos definindo a disciplina e até que ponto ou possibilidades poderíamos desenvolver. Nessa aula nos foi orientado a divisão em equipes de duas pessoas para a realização dos seminários. Havia em torno de 10 alunos cursando a disciplina de Estágio Supervisionado III.

A disciplina foi dividida em três partes: do dia 8 de novembro ao dia 20 de dezembro tivemos seminários em duplas e debates coletivos, essa foi a primeira parte. Do dia 21 dezembro de 2021 ao dia 17 de janeiro de 2022, tivemos um recesso da UFAL. No dia 17 de janeiro de 2022 ao dia 14 de fevereiro de 2022, discutimos como construir e planejar planos de aulas e fizemos regência de aulas laboratoriais individuais em ambiente remoto. Do dia 21 de fevereiro ao 2 de março de 2022, tivemos a terceira etapa que se caracterizou por resolver dúvidas sobre o relatório final obrigatório, entre outras entregas de trabalhos resolução de pendência de nota da disciplina.

A dinâmica das aulas em ambiente sempre foi apontada e levada para o debate coletivo, sempre tentando dar ênfase a verdadeira realidade situacional dos professores e rede de ensino brasileiro. Sempre tentando achar soluções e ressaltando que temos deveres com a educação, mas isso não sai de forma fácil, o professor e os outros profissionais da educação não recebem apoio.

Do dia 8 de novembro ao dia 20 de dezembro tivemos seminários em duplas e debates coletivos. Nessa primeira o foco era preparação teórica para estímulo a observação e posteriormente a parte prática. Nesse período debatemos vários textos que

nos ajudou a analisar as formas de ensino, didática, metodologia, problematizar e observar a situação do ensino educacional brasileiro, da situação do professor, seja iniciante ou não, como também de revelar aos futuros docentes a verdadeira realidade da sala de aula e defesa dos estágios supervisionados como importantes campos de pesquisas e de formação docente.

Começamos com *Dea Fenelon “A formação do profissional de história e a realidade do ensino” (2008)*, o que nos contribuiu com a perspectiva de entendermos a realidade de ensino do profissional de história e sua formação que nos últimos 50 anos foi composta por inúmeras dificuldades. Fazendo-nos reconhecer que há ainda muito a se melhorar e que já foi muito pior esse processo de formação do professor da disciplina história. Nesse debate percebemos que a formação de professores ainda é feita de forma muito inferior em algumas instituições de ensino superior. O professor além de mal formado profissionalmente, ainda tem que enfrentar a realidade do ensino que é muito precária em alguns lugares do país.

Oswaldo Mariotto Cerezer e Selva Guimarães Fonseca com o texto: “Professores de história iniciantes: entre saberes e práticas” (2015), nos situam muito com essa realidade que o professor iniciante terá que passar, sobretudo, aqueles que mal tiveram uma disciplina de Estágio Supervisionado adequada. Pois ao trazer uma pesquisa entre professores de história iniciantes é possível compreender por suas falas que uma deficiência de carga horária de Estágio Supervisionado e até mesmo a falta desse mesmo elemento para o processo de formação inicial podem gerar profissionais frustrados com suas profissões, e que estes acabam por se consolar no comodismo ou naquilo que deu certo uma vez, fazendo desse efeito sua didática para sempre, criando assim uma metodologia mecanizada e decorativa de ensino.

Os Estágios Supervisionados tem sua importância para a formação docente, sem dúvidas. Mas, quando ele é somado a programas como PIBID e PRP, que deveriam ser acessíveis e obrigatórios a todos, há uma superação da dificuldade no processo de formação inicial docente. Apesar de que, o professor só se tornará professor no momento que estiver em seu ambiente de trabalho, pois o curso, os programas, as bolsas de iniciação não são receitas prontas.

E é justamente isso que nos aponta *Flávia Eloisa Caimi em: “O que precisa saber um professor de história”?* (2015). É impossível ter uma receita pronta do que o professor realmente precisa saber para ser professor de história, apesar da autora nos dar uns

pequenos passos, o que precisamos saber, além de toda metodologia, conteúdos, habilidades... é trazer a questão da realidade situacional do aluno, ambiente e comunidade escolar à tona. Só assim poderemos definir o que precisaremos saber e como lidar com esse saber em ambiente escolar.

Se os Estágios Supervisionados são importantes caminhos de formação inicial docente, outra característica dele que menosprezamos está no fato de que o professor de história também é um historiador. O texto: “*Ensino e pesquisa na formação docente inicial*” (2017), de *Crislane Barbosa de Azevedo*, nos ressalta que o professor de história também é um pesquisador (cargo que caracterizamos ser apenas dos bacharéis), como também a importância do Estágio Supervisionado como um dos principais campos de realização de pesquisa logo na formação docente inicial. Geralmente, as partes relacionadas a pesquisa dos cursos de licenciatura em geral, estão vinculadas a projetos e programas como PIBID, PRP, PIBIC e etc. O licenciado não sabe ou não tem motivações suficientes para usar o Estágio e as observações e regências nas escolas como campo de pesquisa, que podem até ser usadas em seus TCCs.

Retomando, se não há uma receita pronta, pelos menos existem caminhos que facilitam o professor em sua jornada de trabalho. O plano de aula de aula é uma parte importante do planejamento, como nos afirma *Grahan Butt* em: “*O planejamento de aulas bem-sucedidas*” (2009), o planejamento exposto no plano de aula é uma parte importante no tomar das aulas, pois ele serve como orientador, um apontador de caminhos pré-estabelecidos pelo professor para conduzir suas. Lembrando que o plano de aula, é somente um orientador, algo flexível e norteador que deve guiar o docente pois cada sala de aula nos dará uma experiência nova. Cada contexto escolar é diferente, surgirá interrogações, motivos, causas e circunstância alheias ao professor que conduzirá a sua aula a partir de sua realidade de ensino e do ambiente escolar também.

2.3.1 AULA LABORATÓRIO EXPERIMENTAL EM AMBIENTE REMOTO

Depois desses debates, nos foi proposto pensarmos no planejamento de uma aula que daríamos em ambiente remoto para nossos colegas discentes e o professor do estágio. Já que estávamos ainda na pandemia, e a vacina contra Covid-19 começava a dar os

primeiros passos, além do fato de que a escola estava começando a voltar presencialmente e já estava na reta final do ano letivo. Essa aula que demos em ambiente remoto foi necessária, pois devido a tudo o que foi citado, só realizaremos algumas observações em ambiente escolar, a regência não seria obrigatória.

O conceito substantivo por mim escolhido foi bastante introdutório, “*Por que estudar História?*”, foi o assunto escolhido, vinculado especificamente ao 6º ano do ensino fundamental. Fui movido pela problemática comum em muito alunos que chegam no Ensino Fundamental II, que é a presença não de somente um professor específico, mas, de vários. Vi na importância de se estudar história, a defesa da disciplina como importante para o processo de formação para o ser humano. Somado a convicção de estimular a criação do conceito de empatia entre os alunos, já poderão pegar situações do presente e buscar respostas no passado, e o estímulo a criação de uma “consciência histórica” crítica entre os alunos, pois não basta procurar questões no passado sabendo que não podemos reconstruí-lo tal como foi. Pois não há verdade absoluta, há apenas verdades, ideias, pensamentos que podem ser requisitados e questionados um dia. Esse foi o objetivo geral da minha aula.

Os objetivos gerais se comprometeram em entender a disciplina, a sua relação com o tempo e o historiador: “Apontar a importância da disciplina na busca de respostas para a realidade em que vivemos”, “Perceber a importância do estudo do tempo passado e a sua relação com o historiador”, “Entender como que o historiador consegue buscar respostas para suas perguntas” e “Analisar a importância das fontes e sua diversidade para o historiador”. A aula foi pensada para ser ministrada em 50 minutos.

A aula foi expositiva, mas a todo tempo busquei os alunos e seus conhecimentos prévios, perguntas como: “- O que é a disciplina história?”, “- Qual a importância de se estudar história?”, “- O que a história estuda?”, “- Por que buscar no passado respostas para o presente?”, “- O que é uma fonte?”. Assim com as perguntas e respostas poderia ir debatendo o assunto. Com essas e outras perguntas que fiz durante a aula puder trabalhar sobre o que era a disciplina, sua importância, sua relação com o historiador, o tempo (e a importância de seu estudo para a história), e as fontes históricas, como também o que era uma fonte histórica, para que servia, como que o historiador usava tais fontes, tipos de fontes. Tudo isso foi trabalhado na aula que ministrei.

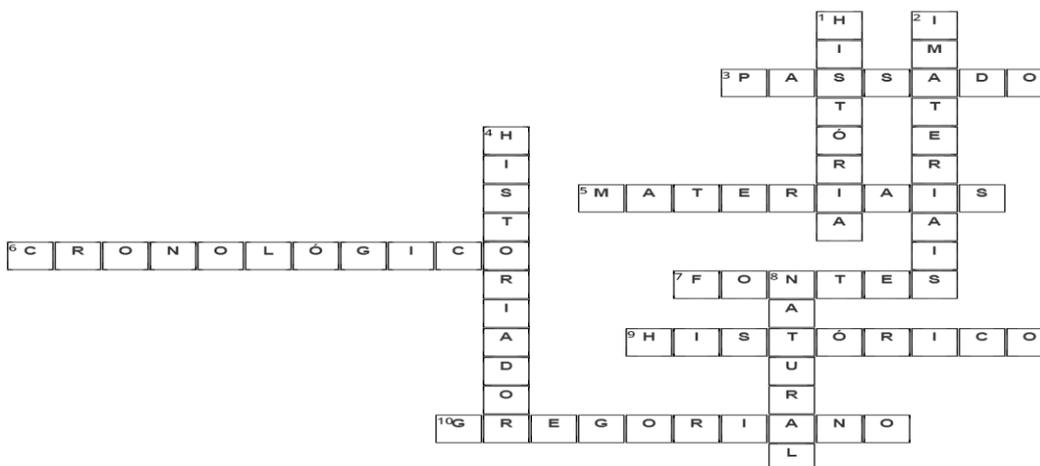
Eu também pensei em trabalhar com o livro didático, pois ele apresentava o conteúdo que ministrava e imagens que eu poderia relacionar com o assunto. Eu falei das

ferramentas que o historiador utilizava como calendários e sua importância e a linha do tempo. Eu pediria aos alunos que fizessem uma linha tempo contasse um pouco de sua vida, cada estudante poderia começar com a data de seu nascimento ou se soubessem ou quisessem se aprofundar com as histórias de seus pais, avós (origem de sua família). Com essa atividade eu pretendia mostrar que esses estudantes também produzem e fazem parte de uma história que parte de uma Micro-História para a Macro-História.

Eu também fiz e daria aos alunos uma cruzadinha que os principais conceitos vistos na aula, como forma tanto de avaliá-los e ajudá-los com um resumo mais simples e dinâmico, caso relessem lembrar o que aprenderam. Então eles seriam avaliados pela interação ao meu questionário acerca do assunto, somado as atividades de produção da linha do tempo e de entrega da cruzadinha. O livro que utilizei foi: “*Inspire história*” (2018), de *Reinaldo Seriacopi e Gislane Azevedo*. Ao fim da aula, observando a participação dos estudantes, eu poderia criar uma avaliação diagnóstica acerca da turma e uma autoavaliação sobre mim mesmo e as metodologias que utilizei.

Cruzadinha: “Por que estudar História” de autoria própria.

Por que estudar história?



Horizontais

3. Tempo onde o historiador busca suas respostas para as questões do presente.
5. Nome do tipo de fonte que se caracteriza por ter como exemplo fotos, livros, moedas.
6. Tempo marcado por meios de relógios, calendários.
7. Onde o historiador busca respostas para as suas perguntas.
9. Tempo em que o historiador usa para determinar os processos históricos.
10. Nome do calendário que usamos hoje em dia.

Verticais

1. Disciplina que estuda os acontecimentos e os modos de vida ao longo do tempo.
2. Nome do tipo de fonte que se caracteriza por ter como exemplo relatos, danças, cantigas...
4. Profissional que estuda e dialoga com as fontes históricas.
8. Tempo dos ciclos naturais.

*Cruzadinha (com respostas), com o tema: “Por que estudar História?”. Utilizada na aula de laboratório online de Estágio III (fevereiro de 2021). Feita por meio de ferramentas encontradas na internet.

Sobre quando ministrei a aula laboratório em ambiente remoto para meus colegas discentes, fiquei um pouco nervoso, pois eu havia preparado uma aula para alunos de 10 a 12 anos dos 6º anos, fingir que meus colegas eram tais estudantes foi um pouco complicado, porque eu poderia sem querer deslocar a convicção de se tratava de uma de 6º para uma exposição de seminário. O que me fez fugir um pouco disso foi a metodologia da aula em recorrer a todo instante aos “alunos” o que eles entendiam ou o que sabiam a cada novo assunto que falava.

Outro ponto importante é que, como eu havia mencionado que usaria as imagens do livro didático para relacionar a minha abordagem ao assunto, tive que improvisar um espaço no Word, onde coloquei essas imagens para que meus colegas também se situassem na aula. Foi muito proveitoso ministrar aula em laboratório, apesar do fato de que foi difícil recorrer aos conhecimentos prévios dos meus alunos de 6º e não receber resposta. O que deixou minha aula um pouco curta e não chegando aos 50 minutos comuns a uma aula. Outra questão é que por estar em ambiente remoto e uma simulação, não me atentei de lembrar-me da atividade da cruzadinha que havia feito, pelo simples fato de que na escola temos essas cobranças quanto a avaliação e atividades.

Por fim, foi um momento prazeroso de aprendizado, já que não participamos ativamente com as regências nas escolas, devido aos já citados atrasos no calendário acadêmico da UFAL em recorrer a uma resposta quanta a situação, a questão da vacinação também, já que poucos haviam se vacinado e a próprio tempo letivo da escola, pois chegamos em um momento final de bimestre e ano letivo.

Depois da aula, tivemos debate e colocações dos colegas ouvintes que contribuíram sobre o que deveria ser melhorado ou acrescentado, o professor também fez suas considerações. Não foi um momento de julgar ou condenar, mas de aprender juntos. E foi assim com todos os colegas que deram suas aulas.

2.3.2 OBSERVAÇÕES FEITAS EM AMBIENTE ESCOLAR.

Por causa da pandemia causada pelo Covid-19, como já falado, tivemos que assistir as aulas de Estágio Supervisionado III em forma remota pelo Google Meet. Mas, as escolas já começavam a dar os passos da volta as aulas presenciais. Por exemplo, a

Escola Municipal de Educação Básica Professora Maria Queiroz Ferro de São Sebastião - Alagoas, no qual eu estagiei entre os dias 2 de dezembro de 2021 a 13 de dezembro 2021, começou de forma presencial no dia 30 de agosto de 2021. Na verdade, foram aulas híbridas, metade da turma ficavam um dia ou uma semana indo à escola, enquanto a outra fazia atividades.

Quando me inseri na escola, essa divisão de turmas já havia cessado. Devido ao calendário acadêmico apertado da UFAL, da preocupação com as inserções dos discentes nas escolas para cumprimento dos estágios devido a pandemia. Só depois tivemos a liberdade de nos inserirmos nas escolas, muitas das escolas já estavam na forma de volta as aulas presenciais, o ambiente remoto já estava sendo extinto. Essa liberdade só foi possível devido a algumas medidas a serem cumpridas por nós, que se tratava termos tomada no mínimo as duas doses necessárias contra a Covid-19 e a todo momento utilizarmos máscaras. O professor mesmo, só liberou a documentação para os diretores assinarem logo após nossa confirmação de vacinação. Depois de todas essas medidas cumpridas ou respeitadas, podemos ir as escolas. Então somente a partir do final do mês de novembro de 2021, tivemos essa autorização. Porém, teríamos poucos encontros, de 4 a 6 encontros (aulas), só de observação, porque a escola já se encontrava em período final do ano letivo (período das avaliações finais), e dessa forma não havia muito tempo para ministrarmos aulas (precisávamos de um tempo para a preparação da aula).

Depois de receber documentação na última semana de novembro de 2021. Procurei no dia 1 de dezembro de 2021 (quarta-feira), o diretor Paulo César Porfírio, diretor da Escola de Educação Básica Maria Queiroz Ferro de São Sebastião Alagoas, cidade onde estava morando. O diretor assinou toda a papelada e recebeu com muito gosto minha carta de recomendação de estágio. Já havia concluído o ensino fundamental II nessa mesma escola, dessa forma, já conhecia boa parte dos professores e a própria escola em si.

Depois do diretor ter assinado os papéis referentes ao estágio, os enviei para meu professor coordenador Dr. Antonio Alves Bezerra, que já no dia seguinte (dia 2), já me solicitou e aprovou minha ida a escola. Como as aulas de história aconteciam as tardes das 13h às 17:15 (de manhã era o ensino fundamental I), já frequentei a escola nesse mesmo dia 2 de dezembro de 2021. Na escola passei a acompanhar a professora Fabiana que lecionava alguns oitavos e nonos anos, e logo mais tarde a professora Roseane dos 7º

e 8º anos. Decidi procurar a professora Roseane e deixar a professora Fabiana, porque esta última tinha apenas formação em geografia.

A escola tinha uma boa estrutura, salas com ar-condicionado (algumas não pegavam), sala de biblioteca que sempre ficava fechada, até mesmo no intervalo, a escola possui pátio enorme e ginásio poliesportivo.

A escola já estava no final do ano letivo, desse modo os professores só passavam atividades finais avaliativas. As duas professoras observadas não usavam planos de aulas, o que me deixava um pouco perdido nas observações. O foco principal aqui, não é relatar tudo o que vivenciei na observação. Mas, tomo como ponto principal a ser mencionado a volta dos estudantes ao ambiente presencial.

Sobre a questão do uso de máscaras na sala, para alguns alunos era um incômodo, algumas usavam de forma incorreta e muitos não usavam. A coordenação passava de sala em sala pedindo para que usassem. A questão da evasão era visível, sobretudo, nas turmas dos 7ºs anos, para a professora Roseane havia muito mais alunos nas aulas remotas do que presencialmente na escola.

A interação dos alunos, segundo a professora, havia diminuído muito em comparação as aulas online, ela falou que durante as aulas remotas os alunos utilizavam os chats e o microfone, alguns chegavam até a ligarem as câmeras. Os alunos que não estavam participando das aulas remotas, seja pela deficiência de internet ou de aparelhos eletrônicos, havia atividades em que os alunos deveriam pegar nas escolas para tentar compensar.

Alguns alunos sofreram bastante com o período que ficaram longe da escola, perderam conteúdos importantes e muitos não sabiam ler, perderam alguma etapa da alfabetização como no caso de uma determinada aluna. Ela era muito tímida e não apresentava dificuldades em falar. Mas, ao observarmos o caderno dela, percebemos que ela não sabia ler ou escrever e parecia ter necessidades especiais.

O caderno tinha uma escrita não legível composta por “Ms” ou “Us” (mmmmmmmm... ou uuuuuuuuu...). Ela não tinha um acompanhamento especial e a professora pouco sabia dela. A professora falou que não recebeu nada da coordenação de informações sobre aquela garota. Descobrimos que ela tinha 18 anos e sofria bullying pelos seus colegas. Não se tem informações de como ela fez no período remoto. A

professora passou a escrever a atividade no caderno dela e a ensinar-lhe as letras de seu nome. Ela apresentou dificuldades.

Esse tipo de aluno desacompanhado por um agente especial, ou sem informações quantos as suas dificuldades e necessidades especiais, ou até onde sabem ler ou escrever, são dificuldades comuns visíveis na sala de aula. Muitos alunos vêm do ensino fundamental I com dificuldades de leitura, escrita. Não pensamos que o peso ficará apenas para o professor de português ou coordenador da escola. Todos os professores estarão envolvidos nesse desafio, pois precisam que seus alunos conseguiram ler, escrever e interpretar muito bem para poder aprenderem. No mais, sabemos que tivemos perdas irreversíveis. Mas, não podemos desaminar, ainda estamos construindo o processo de educação do país. A Covid-19 e a Pandemia só vieram atrasar um pouco o processo.

2.4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV:

O Estágio Supervisionado ocorreu no 8º período do curso de História Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campos A.C. Simões, Maceió, ministrada pelo Dr. Antonio Alves Bezerra.

A disciplina além de promover uma união ou interação entre teoria e prática, também teve como objetivo: desenvolver competências básicas para planejar, organizar, ministrar, avaliar o processo de ensino-aprendizagem do conhecimento histórico, interdisciplinar e multicultural na escola. Sem deixar de citar a importância da análise das condições do ensino de história nas escolas brasileiras.

A disciplina teve início no dia 22 de março de 2022 e caracterizou-se pela retomada do ensino presencial, apesar de que algumas disciplinas paralelas utilizaram o sistema híbrido de ensino. A disciplina em si foi bastante flexível, nosso professor supervisor tentou nos ajudar ao máximo ao cumprimento das atividades inerentes a disciplina, ou seja, em períodos em devíamos estar nas escolas cumprindo as observações ou as regências ou produzindo algum trabalho, as aulas (que aconteciam as terças) ficavam disponíveis para a realização das atividades. De modo que as aulas ou os encontros que tivemos foram para a socialização dos que tínhamos feito e para orientação.

2.4.1 OBSERVAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR:

Na semana a partir do dia 11 de abril, fomos licenciados a procurarmos uma escola para as observações, precisávamos de no mínimo 10 aulas de observação, para que logo mais pudéssemos realizar no mínimo 10 aulas de regência.

As observações desse discente que vos relata aconteceram entre os dias 11 de abril a 3 de maio de 2022, na Escola Estadual Onélia Campelo no Endereço: Av. Eduardo Tadeu Lopes da Silva, S/N - Santos Dumont, Maceió - AL, 57075-655, passando a acompanhar os quatro 7º anos, na parte da manhã. Ao total foram 10 aulas de 50 minutos observadas, compondo assim a carga horária mínima do Estágio IV, no que dispõe a observação. É uma escola Estadual, composta por dois andares, possui um pátio enorme, possui biblioteca, sala de vídeo ou auditório, ginásio de esportes e etc. O professor Maurício (trabalha na escola há 7 anos), professor de história dos 7º anos e 2º anos do ensino médio (a escola alterna entre ensino médio e ensino fundamental II), foi o professor acompanhado.

Podemos perceber o primeiro problema ou dificuldade da escola, pois há biblioteca e não há incentivo nenhum a leitura. Isso nos faz refletir: “- Que tipo de ser humano estar sendo ensinado nas escolas?”. Pois quem não ler, não exercita a leitura não pode ser um “ser crítico” da realidade, bastando aceitar tudo o que lhe dizem. *Paulo Freire* em “*A pedagogia da Autonomia*”, nos revela muito bem que o educador tem que instigar a curiosidade e a capacidade crítica do aluno:

“O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua submissão, [...] E essas implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes, [...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos não se transformado em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber animado, [...] em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, apreendido pelos educandos”. (FREIRE, 1996, p.14).

Se por um lado não há incentivo, a dificuldade dos alunos em relação a leitura também se mostrar preocupante, isso nos 7º que observei, os dos 6º anos devem apresentar maiores dificuldades. A resposta a tal dificuldade se deve a pandemia da Covid-19 que os privou do ensino que teriam nas séries que perderam, ou que viram somente online.

Dessa forma, por estarem nos 7º anos, provavelmente só tiveram aula de forma “regular” (presencial), no 4º ou 5º ano. Até chegarem no 7º de agora, perderam muitos conteúdos que podem ter sido vistos de forma online, o que não garantiu aprendizagem para todos, devidos as dificuldades de acesso as plataformas por diversos motivos, seja por não possuir meios tecnológicos (celular, computador...), internet, espaço e tempo para estudar, na ideia de conviver com familiares e falta de silêncio na hora das aulas.

E o professor como se comporta em meio a essa dificuldade? Pelo o que foi observado, o professor sempre tinha que falar de assuntos que eles já deveriam ter visto, há sempre que retomar o contexto. Mas, alguns alunos não demostram interesse na aula, põem seus fones de ouvidos, outros começam a conversar, a deitar a cabeça e fingir sono. Isso nos leva a procurar novas metodologias que engajem esses alunos. Isso nos leva ao debate acerca das melhores metodologias de ensino e a percepção de que o professor tem que se auto avaliar e se renovar em meio as dificuldades dos alunos como nos expõe *Paulo Freire* novamente em “*A pedagogia da autonomia*”: “É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças.” (FREIRE, 1996, p.4). O professor tem que perceber sua autonomia, mas, isso não quer dizer que ele se torne imutável.

Sobre a questão de buscar novas metodologias, o professor não pode se dar ao gosto do que é mais “prazeroso” ao aluno, ou seja, ele pode trazer filmes, jogos, dinâmicas e etc., mas, que tenham relação com o ensino-aprendizagem que façam sentido e que esteja relacionado com suas aulas. *A Circe Maria Fernandes Bittencourt*, em seu texto: “*Ensino de história: fundamentos e métodos*”, nos traz um apanhando de metodologias que podemos utilizar em sala de aula de história, mas, que essas metodologias sejam bem fundamentadas ao que se quer ensinar. Assim, a história deixará de ser uma disciplina chata e decorativa para se tornar uma disciplina de aprendizado consciente.

Devemos compreender que nenhuma sala ou turma será igual a outra, cada uma tem a sua natureza social diferente, cada aluno aprenderá em seu ritmo. E fazer estágio nos mostra a importância de compreendermos isso pois mesmo com o estágio supervisionado não há uma receita pronta para ser professor. Se observarmos a leitura da realidade da falta que o estágio supervisionado pode fazer nas vidas dos professores iniciantes no texto: “*Professores de história iniciantes: entre saberes e práticas*” (2015), de *Oswaldo Mariotto Cerezer e Selva Guimarães Fonseca*. A falta de estágio traz consequências devastadoras para o professor iniciante, pois se já não existe “receita

pronta”, como nos aponta *Flávia Eloisa Caimi* em: “*O que precisa saber um professor de História*”, a falta do estágio supervisionado nos jogaria em um mundo onde só conhecemos a teoria, a parte prática seria conhecida no momento de exercer sua profissão o que seria um choque para tais professores iniciantes.

Se já há dificuldades dos alunos em relação a questão do ensino, seu atraso em relação a aprendizagem. Em umas das turmas, a do 7º ano D, depois de observar que eles não interagem e que o professor não chamava bastante atenção para aquela turma. Me indaguei com o professor qual era a dificuldade e a falta de entrosamento daquela turma que era a turma com menos alunos (27 alunos). Foi revelado que era uma turma que tinha problemas com drogas, e isso, segundo o professor era algo bastante preocupante, pois não dependia somente dele e sim da direção da escola também. Era uma das turmas mais atrasada em comparação com as outras.

A turma A era turma que apresentava a maior quantidade de alunos (43 alunos), o professor disse que foi por causa da evasão que se deu mais forte nas outras turmas. Isso pode ser explicado pelo fato de algumas escolas ao compuserem as turmas por A, B, C... eles acabam por separar “os melhores alunos” para as turmas de A, B, seguindo uma ordem crescente. Mas, não existe essa questão de “melhor” ou “pior” aluno. Cada um tem seu ritmo. E a turma A não é a turma que mais tem resultados positivos em relação as outras. Isso foi observado quando ficaram de recuperação, 27 alunos de 43 no total.

Para ser mais preciso, cada turma tinha sua dificuldade. A turma A por exemplo era a mais cheia de alunos, e às era um caos quando começavam a se distrair nas conversas. A turma B diferentemente das outras não tinha suas aulas em sequências como as outras turmas, as suas aulas geralmente eram próximas de momentos em que o aluno se representava de maneira diferente em seu dia letivo. Como a 3ª aula antes do lanche e intervalo, o que causava agonia entre eles por quererem entrar em filas de lanche, e a última aula do dia letivo, o que lhes causava desejo de ir para casa. Era sempre perceptível em alguns, o desejo de lanchar ou ir embora. Na turma C não havia tanta dificuldade aparente, eles tinham duas aulas seguidas, não digo que as aulas em sequência, pelo que foi observado seja boa para o aluno, eles acabam se cansando, e para o professor, aulas em sequências são boas quando o conteúdo cabe e os alunos demonstram interesse. Voltando para a turma C, eles eram até que bem comportados e demonstravam interesse na aula, a turma era composta de 28 alunos. E por fim, a turma D, que já citei os seus problemas de drogas.

Quando me inseri na escola, ela estava no momento final do 1º bimestre. O professor Maurício criou o que ele chama de: “Banco de palavras” ou “Banco de pesquisa”, onde ele a cada aula pedia que os alunos pesquisassem determinados assuntos ou palavras relacionadas ao conteúdo. Depois na aula seguinte (outra semana), ele olhava os cadernos no final de cada aula e carimbava com suas “corujinhas”, foi o símbolo que ele escolheu de reconhecimento próprio para as atividades dos alunos. Eu o indaguei sobre o “porquê” de toda aula uma pesquisa e a falta de perguntar ou verificar se houve aprendizado por meio desses trabalhos.

Ele falou que era apenas a forma de avaliação que a escola se propôs a utilizar para avaliar os alunos. Ou seja, todos os professores se reuniram para pensar em uma forma de avaliação sem ter aquela avaliação clássica que vemos em todo final de período, a chamada prova escrita. Então, por aquele primeiro bimestre a prova escrita final foi abolida. A resposta dessa medida se deu por causa das dificuldades apresentadas pelos alunos em relação ao aprendizado, não foi somente na disciplina de história que foi possível observar dificuldades desses alunos.

A dificuldade agora está em criar um processo de ensino aprendizagem que desenvolvesse nos alunos questões acerca do letramento, pois alguns alunos da sala não sabem ler, outros não lembram do que acabou de ler, ou seja, não sabem interpretar. Aí, voltamos com as dificuldades do professor, como ensinar, se alguns alunos nem ao menos sabem ler?

O que os professores que ao retomarem suas aulas tendem a enfrentar não somente a reorganização do ensino presencial, lembramos que eles tiveram que se adequar também as aulas online, se a tecnologia era tão inclusiva, pelo o que diziam antes da pandemia, no momento das aulas remotas ninguém possuía estrutura específica, nem Governo, Estado, escolas, alunos e professores. Só aí a dificuldade apareceu e trouxe o questionamento sobre o acesso à tecnologia, que se provou como não abrangente a todos que precisaram. Então, o professor que retoma nesse momento as escolas, também sentiram dificuldades em recomeçar, ao exemplo do professor da observação que teve que reestruturar seus horários (as aulas da pandemia seguiam outros horários), pensar no ensino, a depender da turma, que contemple o letramento, em retomar assuntos que os alunos já deveriam saber e etc. E não podemos esquecer que os sentidos que o professor tem com os alunos na forma presencial é totalmente diferente do que os vistos por traz de um monitor.

Em meio as essas dificuldades não podemos esquecer que os alunos têm muito a ensinar também pois: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, [...]. Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, [...]” (FREIRE. 1996, p.12). Foi percebido que os alunos têm muito a compartilhar, eles são muito abertos aos debates e ao diálogo. Por exemplo, quando o processo falava de religião ao trabalhar com o “Humanismo”, ao trazer para o presente as questões acerca da religião, os alunos souberam responder muito bem as questões ligadas à sua religião e as demais religiões como a de matriz africana, na qual eles não demonstraram preconceitos.

Depois das observações, as aulas que compreenderam a partir do 26 de abril ao dia 10 de maio de 2022, foram momentos de socialização do que observamos nas escolas e de orientação para a produção da AB1 que foi um ensaio que contemplava as observações. Nesses encontros debatemos sobre a realidade do ensino e das dificuldades da retomada ao ambiente de forma presencial e as significativas perdas de todo corpo docente e discente, ou melhor, da educação brasileira em face a pandemia de Covid-19. Também foi o período de preparação das aulas.

2.4.2 REGÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV:

A partir da semana do dia 17 de maio, tivemos licença para começarmos as regências, foi acordado que precisávamos de no mínimo 10 aulas de regência. Como já tinha feito acordo com o professor Maurício, ele me deixou ficar com o conteúdo; “Contrarreforma Católica”, era o conteúdo seguinte ao que ele deu que foi: “As reformas protestantes”.

O plano de aula que planejei foi pensado para se adequar a quatro aulas divididas em dois encontros, já que as turmas tinham duas aulas seguidas. O primeiro encontro seria para debatermos o conteúdo, passarmos atividade e resumos. Já o segundo encontro não seria necessário para todas as turmas, o professor do Estágio pediu que produzíssemos ou adequássemos um objeto ou linguagem pedagógica para utilizarmos em pelo menos uma turma em específico (a cruzadinha que fiz e as imagens que coleí em um papelão e que serviram como cartões, já foram necessários). Então caberia a mim, escolher uma turma para trabalharmos esse segundo encontro, que seria uma dinâmica onde eu iria escrever

10 frases contextuais no quadro e cada aluno ficaria com uma frase. As frases poderiam se repetir, mas, nenhuma poderia ser deixada de fora. Cada aluno deveria desenhar o contexto ou algo relacionado ao contexto de sua frase. (Plano de aula em Anexo).

Então no dia 16 de maio de 2022, comecei com minhas regências. Foram as duas primeiras aulas seguidas do dia letivo na turma do 7º D. Após o professor Maurício fazer chamada (frequência), e falar que eu daria aula a partir daquela semana, comecei com minha regência. Primeiramente contextualizei com os alunos sobre os assuntos anteriores que eram “As Reformas Protestantes”, utilizei o quadro para escrever alguns nomes ou momentos importantes das aulas anteriores e logo comecei com o conteúdo de minha aula.

Comecei elencando os conhecimentos prévios dos alunos com perguntas como: “- O que é uma reforma?”; “- Quem os católicos começaram a perseguir?”; “- O que foram as inquisições? Você já viu algum filme ou algo relacionado?”. Essas e outras indagações foram feitas na sala, os alunos da turma “D” não queriam participar muito, ficavam calados entre si. Eu também dava conforme cada contexto falado um cartão uma imagem que representava o assunto estava colada. Eram imagens pegadas da internet mesmo e coladas em um pedaço de papelão.

Foram cinco cartões que se relacionam com o conteúdo “Contrarreforma Católica”, cada cartão representa um contexto e são enumerados de 1-5. O objetivo é contextualizar e relacionar o conteúdo com o apoio de imagens coladas em tais cartões. Cada vez que o professor falar determinado contexto, ele pode passar o cartão para os alunos e pedir que eles repassem para os colegas. O professor pode fazer vários cartões iguais e usar outros contextos e outras imagens. Como também pedir que os alunos digam o que apreendem de tais imagens, poderia ser um aluno em específico.

Depois da exposição do conteúdo e debate, escrevi o resumo ou mapa mental no quadro. Logo depois, daria uma cruzadinha (também em anexo), para os alunos fixarem conhecimento e utilizarem o esquema que fiz, porém, a escola estava sem recursos para impressão e impressora quebrada. Sugeri por causa disso, que os alunos, se quisessem poderiam tirar xerox de uma cópia que deixei com o representante da turma. Soube mais tarde que os alunos não quiseram tirar xerox da cruzadinha.

A turma estava bastante desinteressada, percebi isso quando das indagações sem respostas e logo após terminar de expor o conteúdo e começar a escrever o resumo no

quadro, uma aluna falou: “- Oh professor! Por que terminou de falar?! Estava tão bom, pois a gente estava quase dormindo!” Foi muito importante a fala dessa aluna, pois me fez fazer uma autoavaliação das minhas aulas.

No dia 18 de maio, na quarta, fui fazer regência na turma do 7º “C”, com duas aulas seguidas também. No dia anterior, que foi na terça, o professor não compareceu a escola. Bom, devido a falar da aluna da turma “D”, não falei tão rápido quanto na aula anterior e nem me preocupei tanto assim com o conteúdo. Nessa turma, consegui realmente fazer um debate com os alunos, eles falaram de filmes e séries que viram sobre queimadas de bruxas, alguns falaram de suas vidas religiosas (com total respeito aos outros), se eram católicos, protestantes e até sem religião. Sem deixar de citar o fato de que os alunos adoraram os cartões com as imagens que dava.

Nessa turma tive dificuldade quanto ao quadro e o professor Maurício, havia esquecido os lápis do quadro branco, tive então que pedir emprestado com a diretora e/ou outros professores. Escrevi então o esquema no quadro e falei sobre o problema das cruzadinhas. No fim da aula, alguns alunos disseram que dei uma boa aula, percebi que me saí melhor nessa turma.

Ainda no mesmo dia, na terceira aula do dia letivo fui para o 7º “B”, diferentemente dos outros 7ºs, a turma “B” não tinha duas aulas em seguida. Visto isso, a dinâmica teria que se adequar aquela situação. Comecei então, com o esquema no quadro e falei da situação da cruzadinha, e depois comecei a situá-los aos assuntos das aulas anteriores e assim a aula acabou.

No dia 24 de maio, terça-feira foi o momento de terminar o conteúdo da turma “B” e lecionar na turma que faltava, a turma “A”. Começamos com a turma do 7º “A”, se na turma “D”, não tínhamos muita interação, na turma “A” havia muita conversa. Tive muita dificuldade em lecionar nessa turma, os alunos se perdiam muito com conversas desnecessárias. Mas, havia aqueles que participavam e me davam atenção. No mais, segui o mesmo esquema proposto no plano de aula.

Ainda no dia letivo, na quarta aula, fui terminar o conteúdo na turma “B”, fiquei feliz ao ver que todos os alunos estavam com a cruzadinha em mãos, não estavam respondidas, mas, pelo menos conseguiram obtê-la. O assunto foi retomado e explicado o esquema e juntamente com os alunos, a cruzadinha foi respondida. Apesar de ter

passado o esquema na aula anterior e ter pedido que eles dessem uma olhada no assunto, eles não o fizeram. Mas, pelo menos demonstraram interesse nos debates.

Dessa forma, consegui dar oito aulas, duas em cada 7º. Faltavam apenas duas para concluir a carga horária de regência do Estágio IV. E por isso dei sequência ao segundo segmento do meu plano de aula, que foi a questão da dinâmica.

No dia 25, numa quarta-feira, fui fazer a dinâmica na turma “C”, eram uma turma com muitos alunos e que me dera um bom retorno em minhas aulas. Primeiramente, escrevi as dez frases contextuais que estão no plano de aula em anexo, cada frase estava relacionada com o conteúdo “Contrarreforma Católica”. Eu havia comprado folhas de ofício (papel A4), e as distribuí entre os alunos, mas, fazendo números de 1 à 10 para cada folha ou aluno. Cada alunos pegaria um número e cada número representava uma frase contextual no quadro, no qual cada aluno deveria desenhar ou representar por forma de desenhos o contexto ou o objeto em questão.

Ao entregar as folhas, alguns alunos ficaram felizes em poder desenhar, outros disseram que não sabiam. Fui obrigado a passar de banca em banca explicando cada tema frase e dando algumas ideias se possível. Todos os desenhos foram bons, tivemos algumas ideias excêntricas, como no caso do aluno que ficou incumbido de representar a perseguição da igreja católica contra os protestantes. Ele literalmente desenhou uma igreja com pernas perseguindo algumas pessoinhas que seriam os protestantes. Todos desenharam, alguns não saíram dos desenhos de “palitinhos”, mas, todos cumpriram o objetivo principal que foi o de compreender e relacionar com o conteúdo exposto por mim. De alguma forma, os desenhos possuíam os aspectos do assunto de minha regência, o que evidenciou aprendizado consciente como bem nos lembra novamente *Kátia Maria Abud: “Ensino de História (2011)*.

No final da aula, ainda pedi aos alunos que escrevessem e explicassem o que desenharam em uma outra folha e que alguns, se quisessem poderiam mostrar seu desenho para os outros e explicar o que desenhou. Muitos ficaram com vergonha, e outros nem conseguiram explicar o que fizeram, alguns só afirmaram que fizeram porque era preciso. A minha ideia final para aqueles desenhos era colar um exemplar de cada frase contextual em um papel 40, e depois colar esse papel 40 na escola, depois de socializar com meus colegas discentes de Estágio, mas, não deu tempo de fazer uma votação e também selecionar “os melhores”, significava qualificar os trabalhos dos alunos e isso não deve

ser feito, pois todo e qualquer feitura dos alunos tem que ser visto como significativa compreensão do que foi sugerido para eles e isso atenta-se a sua realidade.

Em sequência, nos dirigimos ao 7º “B”, fiz os mesmos procedimentos e explicações das aulas anteriores. A diferença era que essa turma teria apenas uma aula de 50 minutos para tudo. Mas, enfim, eles conseguiram e alguns também conseguiram apresentar. Ao fim do dia, saí satisfeito com tudo que havia feito, com essa dinâmica vi que minha aula não foi irrelevante para os alunos, por meio de suas simbologias e suas representações artísticas, vi que foi possível criar um aprendizado consciente ao contrário de chato e decorativo, agregando mais vez *Kátia Maria Abud: “Ensino de História (2011)*. Assim, foram concluídas as regências.

As aulas que compreenderam entre os dias 7 de junho ao dia 21 de junho foram aulas de socialização das regências feitas nas escolas. E na semana do dia 28 de junho ao dia 19 de julho de 2022 ficamos com encontros, alguns não obrigatórios, para orientação dos trabalhos finais da disciplina que seriam o memorial (este que lê). Por tudo realizado, concluímos o último Estágio Supervisionado e marcamos o começo de nossa jornada como professores historiadores.

3 AS DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS DO CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES:

As contribuições que as disciplinas do núcleo específico de história foram importantes para a minha formação enquanto futuro professor-historiador. Todas de alguma forma foram importantes para a minha formação, tanto as pedagógicas, quanto as teóricas inerentes ao curso de história licenciatura. Mas, contudo, darei destaques a poucas disciplinas do curso que realmente me motivaram a permanecer no curso e criticarei outras que deveriam agregar mais sentido a nossa formação e não somente cumprir carga horária. Falarei mais sobre as pedagógicas, pois compreende-se como importantes no meu caso, como licenciado.

Começo destacando a disciplina “Profissão Docente”, regida pela Dr^a. Dolores do CEDU. Foi uma disciplina do primeiro período, era a única de 5 que foi voltada para a educação, ou a área pedagógica nesse primeiro momento. A professora Dolores nos fez pensarmos a Educação brasileira, seus problemas, superações e estagnações. Nos mostrou a realidade do ensino de história e/ou de qualquer área docente. Depois nos apresentou Paulo Freire e o “Método Freire” para a educação. as aulas, que se seguiam por debates, nos pensar que a educação brasileira é marcada por “politicagens”, onde temos que ir à luta por direitos em nossa profissão.

no segundo período, tivemos as disciplinas: “Política e Organização da Educação Básica no Brasil” e “ACE 1 – Atividade de extensão/eventos”. A primeira vimos sobre a organização da educação brasileira, sobre a divisão da educação básica dividida em ensino fundamental I e II, ensino infantil, EJA... e como também a modalidade de ensino superior. Aprendemos um pouco sobre a LDB 9.394 de 1996, lei que regulamenta a educação brasileira e suas implicações quanto as políticas públicas ligadas a educação, seja falta de recursos, superações, metas de ensino e outros processos. A disciplina ACE 1 deveria ser uma disciplina que pautasse em atividades de extensão, atividades extra acadêmicas, e não foi muito bem isso que aconteceu. Teve apenas uma ida ao Museu Théo Brandão em Maceió, a reclamação é que a disciplina deveria agregar mais coisas a nossa formação, como por exemplo, mais idas à museus, teatros, arquivos de documentações e atividades relacionados a isso, além de oferecer algum tipo de estágio para os discentes nesses locais, ao menos temporários.

No terceiro período tivemos uma disciplina chamada “Desenvolvimento e Aprendizagem”, a disciplina teria como objetivo mostrar como ocorre aprendizado na formação do ser humano, utilizávamos autores ligados à cognição, à psicologia e outras áreas. Esse era o principal mal da disciplina, parecia uma disciplina mais da área de psicologia do que da área de educação, a disciplina deveria ter a contribuições de autores ligados a educação como Paulo Freire e historiadores pesquisadores do ensino de história como Isabel Barca, Kátia Abud, Marilene Cainelli e outros. Esses autores agregariam muito com a disciplina, pelo menos para a nossa formação enquanto professor historiador ou pesquisador.

O quarto período apresento três disciplinas pedagógicas: “PCCC1”, “Didática” e “Gestão da Educação e Educação Escolar”. “PCCC1” nos introduziu ao mundo do planejamento das aulas, vimos e aprendemos a construir planos de aulas e aprendemos sobre a aula histórica, no sentido de que somos, além de professores, historiadores e devemos trabalhar com fontes, unir a história como disciplina e campo de conhecimento. Para a “Didática”, a primeira crítica que temos e que não houve tempo para aprendermos sobre a avaliação em todos os sentidos, até o oitavo período não trabalhamos nada que nos direcione como nos avaliar, como também nossas avaliações, objetivos principais de uma avaliação que não esteja somente atribuída a questão de gerar notas. A disciplina trouxe contribuições como as questões ligadas a base nacional comum curricular e as competências do ensino de história, faltou para a disciplina a compreensão de diferentes didáticas, no sentido de que deveríamos praticar, usar ou pensar diferentes didáticas para um trabalho mais prático, isso só foi falado. A disciplina “Gestão da Educação e Educação Escolar”, nos mostrou um pouco da gestão da educação, aprendemos sobre os Projetos Políticos Pedagógicos de uma escola e sua organização e gestão em si.

O quinto período já comportou de forma diferente, ele foi de forma remota devido a pandemia de Covid-19. Tivemos uma disciplina de inclusão como “Libras”, a professora era em si dedicada, o ponto negativo foi que não tivemos nenhuma aula síncrona, foram sempre assíncronas e cheias de atividades, no qual algumas se mostraram frustrantes pela falta de comunicação com a professora em alguns casos. Então “Libras” não foi tão profícua assim. Tivemos “PCCC2”, disciplina que nos abriu o caminho o início em si da parte prática da formação de professores pois aprendemos como utilizar fontes na sala de aula, a construir ou melhorarmos nossos planos de aulas, já que havíamos obtido um bom conhecimento. E entre outras contribuições acerca da preparação do ser

professor atuante na sala de aula. “Estágio Supervisionado 1” também fez parte desse período, apesar de que entrei no Programa Residência Pedagógica (PRP) e paguei a carga horária dessa disciplina.

No sexto período dou destaque para o “Estágio Supervisionado II” que leva como crítica a fatalidade de ser online. Participar de observações da escola em forma remota foi uma experiência diferente, coisas que poucos passaram ou passarão ao longo de suas formações. Mas, não sentir o gosto de ser estar em uma sala presencialmente, dialogando com o professor e observando olho a olho os alunos são coisas que não possuem preço.

No sétimo período tivemos disciplinas como: “PCCC3” e “Estágio Supervisionado III”. A primeira não esteve agregada a nenhum professor de Estágio, como foi no caso de “PCCC2”, que compartilhou informações em conjunto com “Estágio Supervisionado II”. Não relaciono como uma regra, mas, a disciplina “PCCC3” deveria agregar algum sentido em relação a questão prática do curso, como produção de trabalhos alinhados ao que poderíamos produzir nas escolas por meio dos estágios. Mas, não foi uma disciplina sem valor, pelo contrário, nos trouxe um verdadeiro debate sobre o que é ser ou estar professor e destacou a realidade da profissão. O professor da disciplina nos ajudou a entender que esse é um trabalho de amor e que devemos ter compromisso, afirmando que se nós não queremos ser, então para que estar ou ser professor? E “Estágio Supervisionado III” ainda continuou tendo aulas de formação na forma remota, tivemos um bom aprendizado e arcabouço teórico. Mas, voltamos as observações de forma presencial, já que a vacina estava chegando a todos. A disciplina em si nos preparou para o estágio que viria em sequência e as regências que daríamos.

No oitavo período, no qual me encontro, entramos em disciplinas como: “PCCC4”, “Meio Ambiente e Educação” e “Estágio Supervisionado IV”. A disciplina “PCCC4”, assim como “PCCC3” não esteve ligada ao professor de estágio. Então ele passou de “prática” a teórica. Mas, não foi de todo mal, tivemos inúmeros debates sobre o sistema educacional alagoano e como ele é precário em alguns setores, além da questão da educação indígena, que só agora vimos sua organização e como funciona e é boicotada em alguns setores também. Todas as disciplinas foram importantes para a nossa formação, mas, para quem não fez PIBID, PIBIC, PRP ou outros programas ou projetos que os insiram desde o início no ambiente escolar e na prática de regência, verá o “Estágio Supervisionado IV” como o meio mais importante para o seu processo de formação. Pois somente aí terá as oportunidades de desenvolver e utilizar as habilidades e conhecimentos

que apreendeu ao longo do curso. Como já falado anteriormente, o “Estágio Supervisionado IV” é importante para a formação inicial de professores, mas, deve ser somado a todos esses projetos ou programas para ser mais profícuo, pensando no momento de distanciamento e consequências que nos gerou a pandemia da Covid-19.

O curso acabou por se tornar muito teórico, no sentido de que deveríamos ter mais disciplinas ligadas a educação e que ela nos contribuísse com mais projetos pedagógicos, rodas de conversas, incentivo à produção de objetos pedagógicos, livros, artigos. Não é que o curso não tenha oferecido isso, ele ofereceu, mas, extremamente ligados aos programas ou projetos que citei, eles teriam que ser obrigatórios e acessíveis a todos. Pois nem todos fizeram PIBID, PIBIC ou PRP. Só assim seriam mais profícuas o aprendizado ao longo desse curso que recebeu “boicote” da pandemia de Covid-19.

4 AS PRÁTICAS DE REGÊNCIAS NO PIBID, PRP E ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA PLANEJADA.

Se o papel da regência é fundamental para o futuro docente pôr em prática tudo o que aprendeu e apreendeu ao longo do curso de formação, imagina se isso acontecesse logo na fase inicial do seu curso de formação docente? São realizações como essas que Programas como PIBID ou PIBIC ofertados pela plataforma CAPES conseguem promover.

O PIBID, insere os futuros professores já em seu ambiente de trabalho no início curso com o objetivo de aprender e trocar conhecimento com professores que já atuam em seu ambiente de trabalho, não é algo obrigatório ou acessível a todos, são bolsas que passam por concorrências diretas. O futuro docente que vos relata, conseguiu ser aprovado nesse programa, apesar de entrar na lista de espera após a saída de outro discente no programa. Fui colocado na escola municipal Jaime de Amorim Miranda no bairro Santa Lúcia, com a professora Joana D'arc dos sextos anos.

O programa foi muito importante para a formação dos que participaram, principalmente porque antecipou a prática de regência que veríamos nos estágios futuros. A participação de minha autoria nas regências começou com o conteúdo: “Mesopotâmia”, na época estava no segundo ou terceiro período do curso não sabia muita coisa sobre dar aulas. Até plano de aula não sabia fazer, apenas planejava tudo em uma folha, mas, sem competências ou aprendizagens a desenvolver nos alunos. No momento era só conseguir experiência em prática de regência.

Conduzi minha regência com a utilização de vídeos sobre o tema, eram aulas seguidas, depois expus o conteúdo tentando levar para o debate, sempre perguntando àqueles alunos de sextos anos o que conseguiram absolver do vídeo visto. Apesar de ter observado todas as regências da professora Joana, não parecia tão seguro assim para a condução das aulas, mas, estar com a professora e outros discentes na sala aula não nos desmotiva, estávamos para aprender e errarmos se for preciso.

Trabalhei nessa aula ainda com cruzadinhas e uma paródia da música “Despacito” de Luis Fonsi, onde tentei engajar ou resumir um pouco o tema, queria chegar no aprendizado lúdico por meio de músicas. Ao preparar essa aula eu fui movido por *Kátia Maria Abud*: “*Ensino de História (2011)*”, não queria que minha aula fosse muito

expositiva, queria utilizar diferentes linguagens e metodologias, pois estimular um aprendizado consciente e lúdico foi meu principal objetivo.

Ao fim dessa aula, o retorno foi muito gratificante, algum aprendizado foi gerado, vimos isso nas notas de alguns alunos que melhoraram. Fui motivado a tentar em aproximar com a realidade dos alunos como por exemplo da música que fiz a paródia, todos conheciam, apenas adequiei meu conteúdo a sala de aula sobre a influência de *Maria Auxiliadora Schmidt* em: “*A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula*”, se não fossem as observações feitas ao longo programa, não saberia entender o que precisaria cada sala de aula, suas dificuldades e seus gostos. Ainda consegui fazer uma avaliação com os alunos, foi positiva. Apesar não saber quase nada como avaliar, pelo menos, estava desvinculado da avaliação como algo para se gerar nota.

Se o PIBID foi importante para inserir discentes iniciantes do curso de formação de história e a desenvolver a prática de regências. Outro programa importante para reforço da prática das regências foi PRP. No PRP, a prática da regência é muito importante, esse programa se inicia no quinto período, onde começamos a ter a disciplina “Estágio Supervisionado I”. Se nesta última vamos começar a entrar no ambiente escolar e nos prepararmos para as regências que daremos nos estágios futuros, no PRP já é possível sentir esse gostinho.

Como já havia falado sobre minha inserção no PRP, focarei em falar um pouco mais sobre minha regência. A regência que fiz no PRP aconteceu de forma remota, apesar de já ter uma experiência no PIBID, a forma remota não era igual. Estava preparado para a aula presencial, olho a olho nos alunos, promover debates com eles, tentar usar paródias, cruzadinhas como no PIBID. Mas, o ambiente era remoto era diferente, além do fato de que era difícil utilizar as ferramentas de aula remota.

O conceito de primeira ordem que escolhi foi “As revoltas populares no Brasil”. Tema que dividi com outros dois discentes do PRP, já que tínhamos pouco tempo ou espaço para as regências, pois já estava terminando o primeiro módulo do programa, do qual saí. Fiquei então com o “Cangaço”, a escolha foi porque é uma temática bastante difundida no Brasil, havia diversos desenhos, filmes, novelas, músicas... então o possível engajamento dos alunos poderia ser mais profícuo.

Consegui utilizar imagens dos cangaceiros e da cultura deles, vídeos e histórias dos principais grupos foram mostrados também na plataforma online, sempre perguntava

aos alunos se eles já conheciam, alguns gostaram e compartilhavam ideias. Ao utilizar esses recursos fui de uma simples aula de história, para uma aula histórica como nos bem expõe *Cainelli e Schmidt* com: “*As fontes históricas e o ensino de história*” e *Lindamir Zeglin Fernandes* em: “*A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa.*”, a necessidade de se usar fontes históricas como imagens e costumes na sala de aula nos reforçam que é possível criar o processo de investigação em nossos alunos através daquela curiosidade que as fontes podem incitar. Fizemos uma avaliação em conjunto, juntando todas aulas feitas, inclusive de outros discentes em dias anteriores.

Como só havia ficado no primeiro módulo do PRP, outra importante prática de regência que viria a ter seria no Estágio Supervisionado IV. Nessa disciplina tive mais autonomia do que nos programas e projetos que fiz ao longo do curso. Por exemplo, no PIBID e no PRP estava sempre acompanhado pelos colegas discentes do projeto e do professor supervisor, obviamente. No PIBID, tive duas semanas para desenvolver minhas regências e atividades. No PRP, foi só um dia para minha regência, pois estávamos no fim do módulo e as turmas estavam todas juntas em um mesmo ambiente de aula remota.

Mas, no Estágio Supervisionado IV, na sala de aula só teriam o professor que acompanhava, os alunos e eu. O conteúdo que me foi passado foi a “*Contrarreforma Católica*”. Não sabia muito do conteúdo, vim achar o conteúdo em livro de 9º ano em que adequuei a linguagem para os 7º anos.

Eu havia escolhido os 7º anos porque confiava ser mais fácil trabalhar com alunos dessa faixa etária, fiz isso no PIBID e havia adquirido gosto apesar das dificuldades de se trabalhar com as séries iniciais, devido ao choque de realidade e de adequação que eles adquirem, pelo menos no ensino público, a passagem do fundamental I para o II significar deixar de ter um professor para todas as disciplinas para focar em vários professores com suas áreas de conhecimento específicas.

Utilizei várias linguagens em minhas aulas, procurei sempre me adequar a realidade dos alunos ao se falar de filmes, jogos e outros meios comunicativos dessa geração. Pois retomando novamente a *Paulo Freire* em “*A pedagogia da autonomia*”: “É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças.” (FREIRE, 1996, p.4). Por meio disso, tentei ser mais flexível, menos “*conteudista*”, utilizei cartões para situá-los ao assunto, indaguei-os, fiz resumos ou mapas mentais, coisa que o professor não fazia, geralmente mandava

pesquisar uma palavra ou conceito. Tentei ser lúdico com as cruzadinhas e tentar ajudá-los em relação aos trabalhos bimestrais. Pois vimos que os alunos passaram toda aquela “recessão” de assuntos importantes que se perderam nas aulas que não foram realizadas graças a pandemia do Covid-19. Tentei estimular o aprendizado consciente como já falado.

Recebi críticas de alunos como “- Você fala muito!”, “Você escreve muito!”, “Sua aula é chata!”, que me ajudaram a melhorar conforme iria passando de turma. Até chegar em “- Sua aula foi uma das melhores!”. Tudo isso nos impulsiona a pensar como deveríamos melhorar e a pensarmos nas futuras aulas que daremos, lembrando que não teremos uma receita pronta, mas que devemos nos adequar a realidade de cada ambiente ou comunidade escolar, só assim ressignificaremos nossa profissão e saberemos que somos profissionais em constante formação.

CONCLUSÃO

Até aqui, percebemos que em meio às dificuldades apresentadas, a inserção nos Estágios e os erros e acertos de algumas disciplinas pedagógicas vistas, o curso de História Licenciatura não deixou a desejar, por mais que tenhamos perdido dois períodos devido à pandemia, e o calendário acadêmico que teve que ser impressado, fizemos o que foi possível pois pensamos e repensamos o papel de educador ou de professor que seremos futuramente. O isolamento social tirou muito do foco de alguns alunos, mas, os professores formadores souberam flexibilizar seu ensino nessa situação delicada.

A postura que levei em meio à formação inicial que tive, poderia ter sido diferente se não fosse o período de aulas remotas que tivemos. Esse fato no início só gerou apreensão e pensamento de dificuldades que teríamos ao fazermos tudo remotamente, e o fato dos períodos impressados também só nos trouxe atraso, tínhamos que passar por conteúdos de forma muito rápida.

Mas, ainda assim tivemos ajuda em relação à escolha dos melhores caminhos para uma prática docente segura em meio à educação, apesar de sabermos de que não teremos uma receita pronta, aprendemos a planejar aulas que tenham sentido para o aluno, pois está relacionada ao seu meio situacional como discorre o *“Método Freire”*. Aulas que não sirvam apenas para transferir conhecimento como numa *“Educação Bancária”*, mas, sim aulas que desenvolvam um pensamento crítico da realidade, que nossos alunos possam buscar no passado respostas para o presente. Que o ensino de história se torne consciente, e não agregado a *“decorebas”*.

Apesar, de todos esses sentidos observados há ainda muito a se melhorar na educação brasileira, está ligada à burocracia que sempre despreza o professor que recebe muito pouco e trabalha muito, e em específico os professores de humanas como a própria história, filosofia, geografia, sociologia que perdem espaço no nosso sistema educacional como vemos no novo ensino médio. Se não estamos formando seres críticos, que tipos de pessoas queremos formar atualmente? Devemos criar meios de valorização desses profissionais, valorização salarial, dar voz a essa classe tão influente no espaço escolar e comunidade ligada à escola, pois só a educação transforma. Valorizar também os cursos de formação, pois as cargas horárias dos estágios são ainda muitos poucos, somadas às diminuições dos atrasos que também sofreu o calendário acadêmico da UFAL. Fazer com

os programas como PIBID, PRP e PIBIC sejam mais acessíveis ou obrigatórios como carga de extensão ao menos, e que possam ter bolsas mais remuneradas que realmente ajudem os discentes a continuarem na universidade.

Por fim, em meio as oportunidades de ter feito alguns desses projetos e somando com essas disciplinas faladas ao longo do discurso, me tornarei um professor historiador, aquele que usará diferentes metodologias, que se adequará ao ensino e a realidade de seus alunos, aquele que usará fontes e incitará a crítica, a investigação, a consciência histórica em seus alunos, aquele que abrirá caminhos para a história como disciplina transformadora socialmente e que defenderá a educação, apesar de suas dificuldades.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- AZEVEDO, C. B. de. **Ensino e pesquisa na formação docente inicial**. In: AZEVEDO, C. B. (Org.). **Docência em história: experiências de estágio supervisionado e formação do professor-pesquisador**. Natal, RN, EDUFRN, 2017, pp.26-37.
- AZEVEDO, Gislane.; SERIACOPI, Reinaldo. **Inspire história – Manual de história para o ensino fundamental (6º ano)**. 1ª edição, São Paulo, 2018, p. 12-24.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes: **Ensino de história: fundamentos e métodos**, Cortez Editora. São Paulo, 2ª ed., 2008.
- BUTT, Grahlan. **O planejamento de aulas bem-sucedidas**. 2ª ed., São Paulo, Special book Services Livraria e Editora, 2009.
- CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? In: Revista **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.
- CAINELLI, M.; SCHMIDT M. A. **As fontes históricas e o ensino de história**.
- CEREZER, Osvaldo Mariotto; Fonseca, Selva Guimarães. Professores de história iniciantes: entre saberes e práticas. In: Revista **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 125-150, jul./dez. 2015.
- FENELON, Déa R. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. In: **Tempos Históricos**. Vol. 12, 1º semestre 2008, pp. 23-35.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**. Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996.
- LINDAMIR, Zeglin Fernandes. **A reconstrução de aulas de História na perspectiva da Educação Histórica: da aula oficina à unidade temática investigativa**.
- RÜSEN, Jörn. **O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral**. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010a. p. 51-78.

SCHMIDT, M. A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHMIDT, M.A.; CAINELLI, M. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

ZABALA, Antoni: **A prática educativa: como ensinar**, Porto Alegre: ARTMED, 1998.

ANEXOS:

1.1 PLANO DE AULA UTILIZADO EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV:

PLANO DE AULA
IDENTIFICAÇÃO
Professor: José Daniel dos Santos Silva
Escola: Escola Estadual Onélia Campelo
Município/Estado: Maceió/Alagoas
Ano/Série: Estudantes do Ensino Fundamental – 7º anos (A, B, C e D).
Idade aproximada dos estudantes: 12-14 anos
Conceito Substantivo: A Reforma ou Contrarreforma Católica.
Conceitos Epistemológicos/2ª Ordem: Nesta aula os estudantes serão estimulados a entender como que se deu ou o que foi a Contrarreforma Católica e como que ela afeta o período da colonização americana. Ao fim, eles serão capazes de abstrair o conceito de empatia, já que poderão, por exemplo, relacionar ou procurar no passado respostas para o presente pensando em seus dogmas religiosos. Serão capazes também de conseguirem desenvolver uma consciência histórica crítica ao entenderem o papel importante da religião como influenciadora da mentalidade humana. O estudante será capaz de explicar ou interpretar o assunto à sua maneira, já que o professor será apenas o intermediário ou aquele que irá problematizar o assunto.
OBJETIVOS
GERAL: A aula tem como objetivo explicar, demonstrar como se deu ou o que foi a Reforma ou Contrarreforma Católica e como que ela, com o poderio da Igreja Católica influencia na colonização americana, sem deixar de citar as suas “Inquisições”.
ESPECÍFICOS: <ul style="list-style-type: none"> - Apontar a importância da Reforma ou Contrarreforma Católica em resposta às reformas protestantes na época; - Perceber as barbaridades da Igreja Católica por meio das Inquisições; - Entender como que a Igreja Católica através da Contrarreforma consegue influenciar na colonização americana através dos Jesuítas;
CONTEÚDO E CRONOGRAMA DE AULA
2 Encontros = 4 aulas de 50min/aula (as aulas são em sequência, 2 por semana) * 1º encontro (duas aulas seguidas): Os conhecimentos prévios dos alunos serão observados por meios de perguntas como: <ul style="list-style-type: none"> - O que você entende como reforma? - O que foi o Concílio de Trento? - O que foi essa tal venda de indulgências? - O que é catequese? Alguém aqui faz ou fez catequese? Todas as questões deverão ser expostas em sala de aula. Após os questionamentos, será feita a exposição de conceitos com base em autores da própria historiografia, e também do próprio livro didático. Ao final, daremos uma cruzadinha para tentarmos fixar conhecimento. Depois o professor começará a trabalhar o assunto e mostrará imagens do livro e as em anexo. * 2º encontro (duas aulas seguidas): <ul style="list-style-type: none"> - Nesse segundo encontro de duas aulas seguidas, o professor escreverá no quadro 10 frases contextuais que representam o contexto do assunto. O professor designará de forma aleatória por meio de sorteio cada frase que representará um número. Os números poderão ser repetidos, ou seja, vários alunos poderão pegar o mesmo número que representa uma frase. Mas, nenhuma frase poderá ficar de lado ou esquecida. As frases contextuais serão:

1. Represente por meio de desenhos a Igreja Católica e Reforma Protestante (use simbologias, roupas etc.);
2. Represente por meio de desenhos os Jesuítas como “soldados de Jesus”, sua organização ou algo relacionado;
3. Desenhe os protestantes protestando contra a Igreja Católica;
4. Desenhe o Papa Paulo III convocando o Concílio de Trento;
5. Represente por meio de desenhos o Concílio de Trento;
6. Represente a ideia de que a Igreja Católica estava certa em meio a Reforma Protestante depois do Concílio de Trento;
7. Desenhe a Igreja Católica perseguindo os protestantes;
8. Desenhe algo referente a Inquisição (perseguição de bruxas, hereges, protestantes);
9. Represente por meio de desenhos o Index (proibição de livros científicos, bíblia protestante e etc.);
10. Represente por meio de desenhos os Jesuítas catequizando os indígenas.

- Após cada aluno pegar seu número e por sequência saber sua frase (o professor poderá colocar os números em uma caixinha). Eles deverão desenhar o contexto, personagem ou o que diz cada frase. Ao final da aula, os melhores desenhos serão escolhidos (um de cada contexto ou frase contextual). Depois eles serão colocados ou colados em uma cartolina com legendas dos próprios alunos (em sequência do contexto do conteúdo), representando assim o conteúdo trabalhado.

- Ao final cada aluno escolhido por seu desenho ou um aluno aleatório deverá explicar por meio dos desenhos dos colegas o assunto e à sua maneira.

METODOLOGIA (Linguagens e recursos didáticos)

- A aula será realizada de modo expositivo com linguagens que mais se assemelhem com a vida social dos alunos, com um enfoque interativo, que possibilite definirmos juntos os conceitos primordiais do conteúdo. O professor ainda mostrará imagens do livro e as que estão em anexo para melhor relacionar o assunto e sair um pouco do modo expositivo, tentando gerar questionamentos entre os alunos. (1ª aula)

- No decorrer da aula os estudantes devem organizar anotações com suas pré-noções e noções adquiridas através das aulas e com os resumos ou esquema de estudo (em anexo), que o professor deixará no quadro. Esse material será utilizado para fazer uma comparação e assim evidenciar se conseguiram construir um novo conhecimento. É importante que eles reconheçam que houve uma alteração em seus conhecimentos (isso será observado nas escritas do caderno pessoal de cada um e na atividade da segunda aula, e de acordo com as repostas deles mesmos). No final será dada uma cruzadinha para eles (em anexo). (1ª aula)

- Serão utilizadas as linguagens lúdicas para corresponder a aula como a dinâmica de desenhar e interpretação de imagens (2ª aula).

- Serão utilizados quadro branco, pincel para quadro branco, livro didático, cruzadinha, folhas de ofício (A4), cartolinas ou papel 40, lápis, lápis de cores.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados no decorrer das aulas, através das participações nos debates e realização das atividades propostas como o desenho na última e a cruzadinha. Eles deverão nas últimas aulas desenhar um contexto definido pelo professor para compor um trabalho geral.

FONTES HISTÓRICAS

- Fotografias do livro didático;

- Textos/Capítulos.

REFERÊNCIAS

VICENTINO, Cláudio.; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil** (Volume 2) – Manual de História para Ensino Médio (2º ano). 2ª edição, São Paulo. Editora Scipione, 2013, p. 66-69.

AZEVEDO, C. B. de. **Ensino e pesquisa na formação docente inicial**. In: AZEVEDO, C. B. (Org.). **Docência em história: experiências de estágio supervisionado e formação do professor-pesquisador**. Natal, RN, EDUFRRN, 2017, pp.26-37.

BUTT, Grahlan. **O planejamento de aulas bem-sucedidas**. 2ª ed., São Paulo, Special book Services Livraria e Editora, 2009.

CAIMI, Flávia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? In: Revista **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.

CEREZER, Osvaldo Mariotto; Fonseca, Selva Guimarães. In: Revista **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 125-150, jul./dez. 2015.

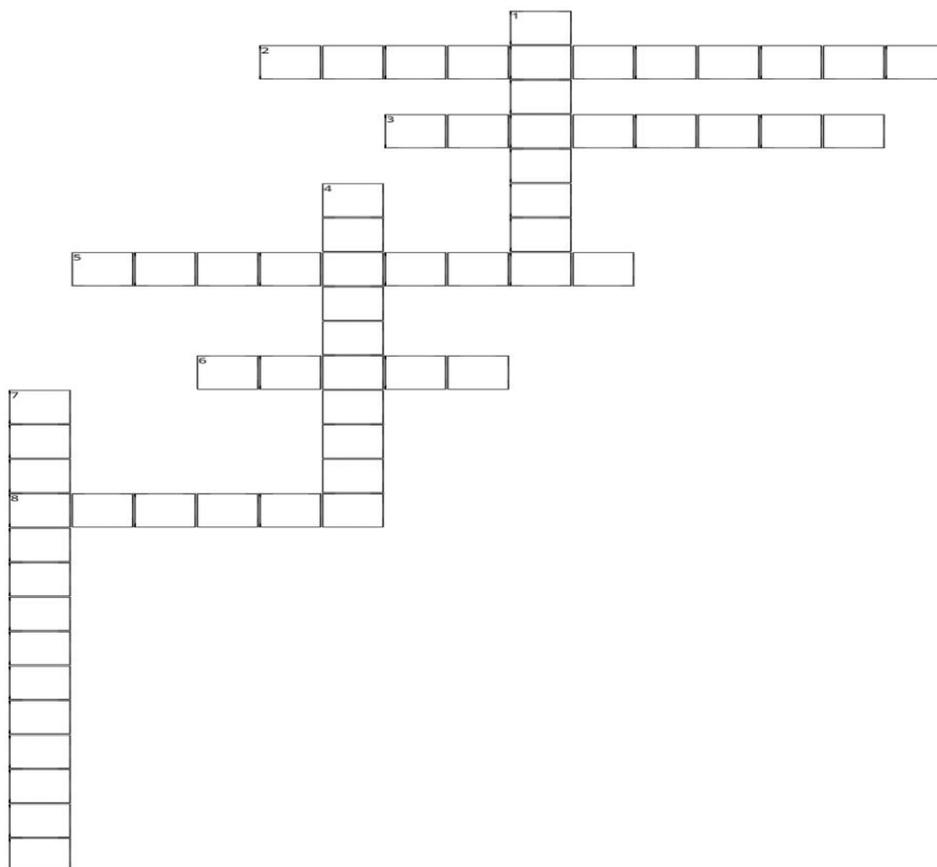
FENELON, Déa R. A formação do profissional de história e a realidade do ensino. In: **Tempos Históricos**. Vol. 12, 1º semestre 2008, pp. 23-35.

RÜSEN, Jörn. **O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral**. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (Orgs.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010a. p. 51-78.

1.2 CRUZADINHAS USADAS NAS AULAS REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO IV:

1.2.1 SEM RESPOSTA:

Contrarreforma Católica



Horizontais

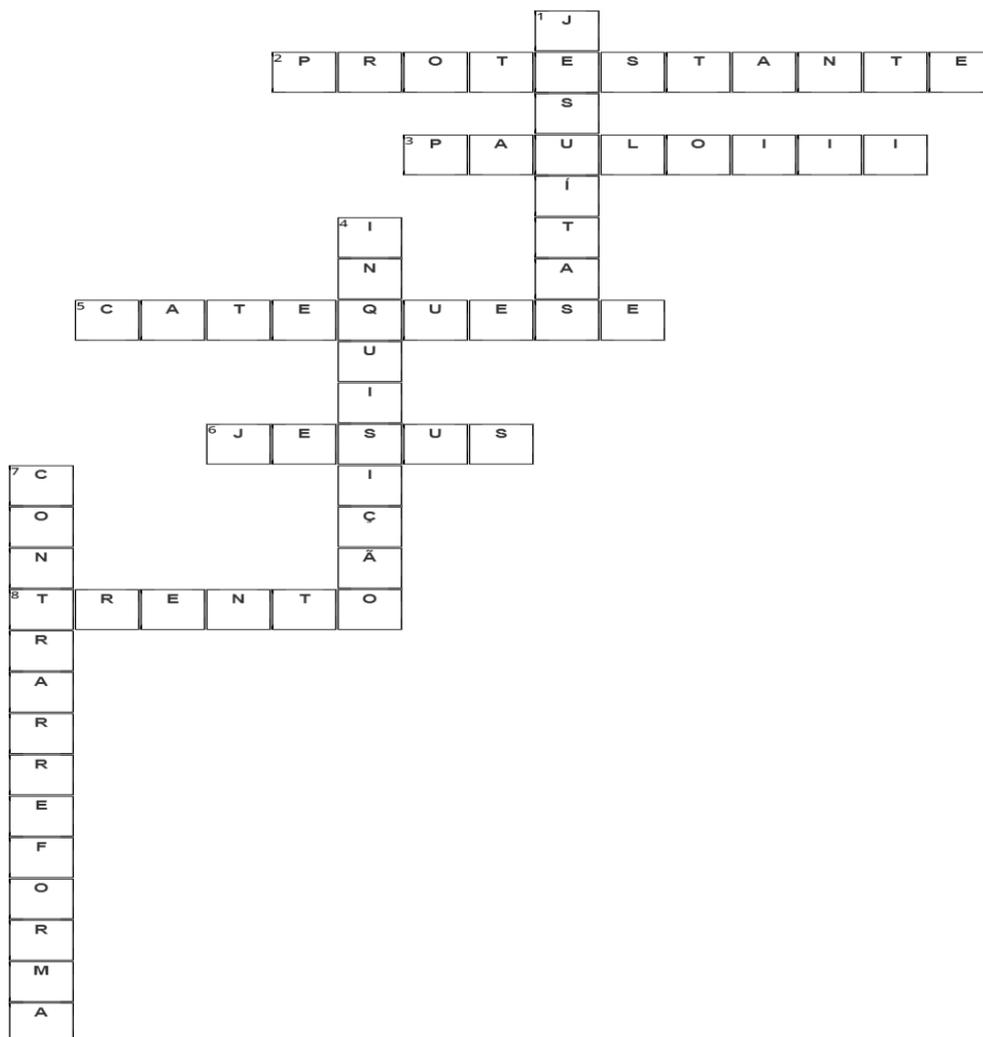
2. Nome da reforma em que a Igreja Católica era contra.
3. Papa que convoca o Concílio de Trento.
5. Nome do principal meio que a Igreja Católica usou para expandir sua fé e dogmas por meio dos Jesuítas.
6. A companhia de padres que era hierarquizada e com disciplina quase militar era a Companhia de...
8. Nome do concílio onde se reuniram para debater questões contra o protestantismo.

Verticais

1. Nome dos "soldados de Jesus" que catequizaram os indígenas brasileiros.
4. Nome da prática que queimou e perseguiu bruxas, hereges e protestantes.
7. Como também era chamada a Reforma Católica?

1.2.2 COM RESPOSTAS:

Contrarreforma Católica

**Horizontais**

2. Nome da reforma em que a Igreja Católica era contra.
3. Papa que convoca o Concílio de Trento.
5. Nome do principal meio que a Igreja Católica usou para expandir sua fé e dogmas por meio dos Jesuítas.
6. A companhia de padres que era hierarquizada e com disciplina quase militar era a Companhia de...
8. Nome do concílio onde se reuniram para debater questões contra o protestantismo.

Verticais

1. Nome dos "soldados de Jesus" que catequizaram os indígenas brasileiros.
4. Nome da prática que queimou e perseguiu bruxas, hereges e protestantes.
7. Como também era chamada a Reforma Católica?